

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

CARLOS EDUARDO MENDES

OS SENTIDOS DE FUTURO PARA JOVENS NEGRAS: POR CAMINHOS DO
CAPÃO REDONDO E JARDIM ÂNGELA PERIFERIA PAULISTANA.

São Paulo
2014

CARLOS EDUARDO MENDES

OS SENTIDOS DE FUTURO PARA JOVENS NEGRAS: POR CAMINHOS DO
CAPÃO REDONDO E DO JARDIM ÂNGELA NA PERIFERIA PAULISTANA.

São Paulo
2014

CARLOS EDUARDO MENDES

OS SENTIDOS DE FUTURO PARA JOVENS NEGRAS: POR CAMINHOS DO
CAPÃO REDONDO E DO JARDIM ÂNGELA NA PERIFERIA PAULISTANA.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo, como parte dos
requisitos para obtenção do grau de Mestre em
Psicologia.

Área de concentração:

Psicologia Social e do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Luis Guilherme Galeão Silva

São Paulo
2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Mendes, Carlos Eduardo.

Os sentidos de futuro para jovens negras: por caminhos do Capão Redondo e do Jardim Ângela na periferia paulistana / Carlos Eduardo Mendes; orientador Luis Guilherme Galeão Silva. -- São Paulo, 2014.

100 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Jovens 2. Negras 3. Capão Redondo I. Título.

BF724

Nome: Mendes, C. E.

Título: Os Sentidos de Futuro para Jovens Negras: por caminhos do Capão Redondo e do Jardim Ângela na Periferia Paulistana.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedicatória(s)

Dedico ao Capão Redondo e ao Jardim Ângela, em especial aos jovens que lá residem. À minha família na sua completude: àqueles que vieram primeiro e já expiraram e àqueles que acabaram de nascer.

Agradecimento(s)

Considero que seria impossível para eu começar e finalizar esta investigação, que se materializa na presente dissertação, somente pelo esforço pessoal. Ela é sem dúvida uma produção coletiva.

Agradeço, portanto, a Universidade de São Paulo, especificamente ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho na pessoa do professor Dr. Luis Guilherme Galeão Silva, que orientou este trabalho. Foi fundamental no processo difícil de fazer a passagem de conversas, sentimentos e ideias para palavras escritas. Estendo meus agradecimentos à equipe da secretaria de Pós-Graduação de Psicologia e do Trabalho pela forma gentil e competente com a qual me trataram desde primeiro dia como mestrando.

Sou grato à CAPES pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual meu projeto se tornaria impraticável.

Manifesto minha gratidão ao Programa de Desenvolvimento de Área Sampa Sul (PDA), aos coordenadores Jane, Célia e Pezão; aos agentes de desenvolvimento local Ana Claudia, Rogério, Fernando e Filipe e à educadora responsável pela alimentação, Marcela, que muito me ensinaram. São pessoas que admiro pela dedicação à comunidade do Jardim Jangadeiro e região, mas principalmente pelo cuidado com àquelas crianças tão marcadas pela violência, pela fome, pelo desrespeito de direitos.

Não poderia deixar de fora os meus mais sinceros agradecimentos à psicóloga Sara Marques que nos deixou precocemente para viver ao lado das estrelas. Muito amor por ti.

Agradeço à psicóloga Carina Ferreira.

À grande amiga Camila Gomes Valadão por toda ajuda dispensada. Sem seu auxílio no momento que mais precisei minha graduação seria impossível.

Agradeço muito aos amigos da casa de estudantes da PUC de Goiás: Eliana, Erivan, Erika, Ymara, Paulinha, Maria de Fátima, Kassia, Adriano, Jorlan e Paulo.

Gostaria de agradecer a Rosana Nascimento Rocha pelas inúmeras vezes que colaborou com este trabalho, lendo e relendo-o. A Simone Toje minha maior encorajadora para a formação acadêmica e ao amigo canadense Alex.

Por fim, agradeço a “Palavra que já existia. Tudo foi feito por meio dela. Nela estava a vida. Ela se fez carne e habitou entre nós” (João Evangelista).

Epígrafe

“‘Pobreza não é desonra.’ Muito bem. No entanto desonram os pobres. Fazem isto e os consolam com o provérbio. [...] Mas aqui não há nada a esperar enquanto cada destino, o mais terrível, o mais obscuro, discutido todos os dias, e mesmo todas as horas pela imprensa, exposto em todas as suas causas aparentes e consequências aparentes, não promove ninguém ao conhecimento das obscuras potências das quais sua vida se tornou serva”

(Walter Benjamin, 2000,p.22).

Resumo

Mendes, C. E. (2014). Os Sentidos de Futuro para Jovens Negras: por caminhos do Capão Redondo e do Jardim Ângela na Periferia Paulistana.

Quais são os sentidos atribuídos ao futuro por jovens negras da região do Capão Redondo e Jardim Ângela, bairros da periferia do município de São Paulo, é a ambição deste mestrado. A escolha de conhecer os sentidos de futuro desse grupo se deu porque as estatísticas demonstram que elas vivem diversas tensões. Elas vivem em uma região com tradição de chacinas por grupos de extermínios; com comércio de drogas ao lado de delegacias; na qual há policiais que causam tanto medo quanto os bandidos. Nesse território os óbitos dos jovens negros são decorrentes de homicídios. Lá elas são as últimas na fila de ascensão social e de emprego. Mas que apesar destas tensões continuam depositando seus esforços na vida. Tratou-se, portanto, de ouvi-las por meio de um estudo com bases no enfoque qualitativo, ao considerar que o método proposto focaliza as experiências das participantes e colaboradoras ao longo das suas trajetórias de vida, bem como suas projeções com relação aos planos para um tempo vindouro, isto é, pesquisar os sentidos de futuro dessas jovens pôde revelar quais são as estratégias de enfrentamento e de reconhecimento face ao processo histórico de humilhação social que vive a população negra, particularizado, neste caso, na região do Capão Redondo e do Jardim Ângela. Surgiram três manifestações de sentido de futuro para elas: o primeiro se deu na negação de que se preocupassem ou tivessem expectativas sobre o futuro; o segundo foi uma projeção de futuro ao lado de outra pessoa em uma relação amorosa; o terceiro sentido foi um projeto de vida próprio, tanto profissional, como cultural, como político. Esperamos que este trabalho tenha podido colaborar com a psicologia social, mas principalmente, tenha colaborado, de alguma forma, com o futuro das juventudes que se expressam na região do Capão Redondo e do Jardim Ângela.

Palavras chaves: Jovens, negras, Capão Redondo

Abstract

Mendes, C. E. (2014). Senses of Future for Young Black Women: In the Track of Capão Redondo and Jardim Ângela in the city of São Paulo

The senses of future given by young Black women from the districts of Capão Redondo and Jardim Ângela, outskirts of the city of São Paulo, are the ambitious theme of this work. How they can have a sense of future when the statistics demonstrate: they live in an area traditionally affected by massacres from death squads; they live in an area where drug dealers do business besides the police station; they live in an area where some police officers are as much feared as the criminals. They live in an area where the homicide is the major cause of mortality of young male Black people. They live in an area where they are the last in the social mobility and in the chance of employment. However, they keep struggling for life. The research, therefore, aimed to listen to these young women, it was based in a qualitative approach, considering a method that brings their experiences throughout their life trajectories, as well as their projections towards a forthcoming period in their lives. Exploring these young women's senses of future revealed their strategies to affront and to feel acknowledged before the historic process of social humiliation in which the Black population has been living particularly in the case of Capão Redondo and Jardim Ângela. Three expressions of their sense of future came up: the first one involved the denial that they would have a future; the second one was the projection of a future with another person in a love relationship; the third one was built as life projects, be that a professional one, a cultural one or a political one. We hope this piece of work might have contributed to the Social Psychology, but mostly to the future of the youth manifested in the area of Capão Redondo and Jardim Ângela.

Keywords: Youth, Black Young Women, Capão Redondo

Résumé

Mendes, C. E. (2014). Les sens donnés à leur futures par les jeunes femmes noires des périphéries de Capao Redondo et Jardim Angela dans la ville de Sao Paulo au Brésil.

Cet article se donne comme objectif l'analyse du sens qu'attribuent à leur future les jeunes femmes noires des régions de Capao Redondo et Jardim Angela, deux périphéries de la ville Sao Paulo au Brésil. Le choix de connaître ce dernier chez cette population vient du fait que les statistiques démontrent qu'elles vivent de grands stress, tel que: l'existence, quasi traditionnel, dans ces régions, de tueries par des escadrons de la mort; la cohabitation du commerce de la drogue au côté des commissariats de police; une peur dont la source provient tout autant des policiers que des criminels; la mort de gens à ascendance noire souvent le fruit de situations tragiques ; et où enfin elles sont les dernières dans l'échelle et l'ascension sociale ainsi qu'à l'accès à l'emploi. Pourtant, malgré ce constat, le fait demeure qu'elles continuent de s'efforcer pour un futur meilleur. Ce travail, s'est donné comme objectif d'écouter ces jeunes femmes au moyen d'une approche qualitative, soit une procédé qui met l'accent sur les expériences vécu par les participantes/collaboratrice au long de leur trajectoire de vie ainsi que leur projections en ce qui a trait à leur futur. Cette exploration, sur le sens attribuer à leur futur, a permis de révéler les stratégies employées pour affronter et surmonter un processus historique d'humiliation sociale vécu par la population noire, et dans ce cas spécifique, celles de Capao Redondo et de Jardim Angela. Sont donc apparus trois manifestations d'un sens attribué à leur futur, soit : premièrement, la négation de l'existence d'une telle préoccupation tant qu'à leur avenir; deuxièmement, la projection d'un futur au sein d'un couple amoureux avec un être aimé; et, enfin, un projet de vie propre qu'il soit professionnel, politique ou social. Nous espérons que ce travail aura contribué à l'avancé de la Psychologie Sociale, mais surtout d'une certaine façon à la vie de ces jeunes et au futur de ces jeunes femmes des régions de Capao Redondo et de Jardim Angela.

Mots clés : Jeunes, noirs, Capao Redondo

Sumário

Resumo	ix
1. Apresentação	4
2. Introdução.....	14
2. 1. Juventudes:.....	20
2. 2. Pesquisa Participante:.....	27
3. Metodologia:	32
4. Apresentação das jovens entrevistadas:	34
5. Futuro	72
6. Considerações Finais	84
Anexo 1. Questões – J. Sacks e Levy:Sentenças Incompletas	88
Referencias Bibliográfica:.....	92

I. Apresentação.

No tear da existência humana, cuja transitoriedade é inerente, o fio da vida se desenvolve sob a correlação de forças que implicam o corpo biológico, a geografia, especificidades sociais e culturais. Nas palavras de Vygotsky (2002): “no desenvolvimento (o humano) transforma-se, do biológico no sócio-histórico [...] determinado pelo processo histórico-cultural” (p. 54). Portanto, a configuração dos sentidos de futuro das jovens negras da região do Capão Redondo e Jardim Ângela faz entoar um conjunto de solistas, cujas canções sem refrão têm ressonâncias de sentidos de um lugar e uma época específica, com descrições culturais próprias.

As jovens que colaboraram com este trabalho, sem exceção, generosamente me relataram suas histórias e suas ficções, não sem antes de me fazerem o convite de caminhar com elas por ruas, vielas, descer e subir morros, socorrer doentes, visitar casas sem paredes com telhados cheios de goteiras. Permitiram-me segui-las em meio a paisagens que lhes são comuns. Cenários de suas falas que ambientam os passos para o futuro. Suas histórias, eu diria, foram contadas nos mil caminhos e vielas. Por isso, o gravador que utilizei, registrou nitidamente as vozes de cada uma delas, mas com um turbilhão de outras vozes de fundo e ruídos que resumem a dinâmica diária de onde recrutam coisas, lugares, pessoas que povoam suas histórias, que constroem relações de vários tipos, que significam o mundo e o futuro que as cercam.

Eis, portanto, por quais caminhos caminhei e o que pude ouvir por lá das jovens negras que encontrei. Mas antes de expressar os detalhes que constituem este trabalho, vou me desviar. Gostaria de resgatar as figuras de algumas mulheres de ontem e de hoje, de dentro e de fora do Capão Redondo que semearam em mim as sementes desta investigação, confessando a influência de várias mulheres no meu desejo de pesquisar os sonhos, os anseios, os amores que moldam os pensamentos de futuro de jovens negras das periferias.

Lembro Inhá Ana, minha avó que reverente em uma noite de lua cheia me suspendeu sobre sua cabeça, quando eu tinha 15 dias de vida em oferenda à Xangô. Aos dez anos de idade, alguns dias antes da fatalidade de uma pneumonia, ela me revelou que temia por mim. Clamava aos orixás porque eu era muito tímido, disperso do mundo com distrações promovidas por revistas em quadrinhos ou por livros surrados

que minha mãe trazia para casa. Livros doados por patroas porque perdiam seus lugares após a faxina. Vó Ana costumava dizer balançando a cabeça com os olhos serrados voltados para o chão: Isto de só ficar folheando revistas não é bom porque te deixa lento para os trabalhos que precisam força. Sem destreza com a lida braçal, segundo ela, além de lento, eu não possuiria músculos como os de Xangô. Fraco, não teria como empunhar o machado que corta as arestas da vida.

Minha avó ao se aproximar do batente da porta quando saía para o hospital de onde nunca mais voltou, me sorriu um sorriso de gente que têm os pulmões fatalmente infeccionados, que inspira o ar como se fosse cacos de vidro, aconselhou-me: *“Na sua vida menino, sempre prefira ter amigos, porque os livros deixaram os homens brancos, que eu servi como doméstica a vida toda, sozinhos e doidos. Na doideira deles, maltratam a gente como se tivessem o rei na barriga”*.

Minha mãe, Maria de Lourdes, quase todas as noites nos entretinha com os contos de fadas clássicos, mas com um final que ela mesma criava. Ela a partir de nossas dificuldades finalizava as histórias da Branca de Neve, dos Três Porquinhos com algo que nos incentivasse a não esmorecer para a vida. Ainda que se dedicasse, meses a Umbanda, meses ao Candomblé, me apresentou à Igreja Católica com sua doutrina.

Minha mãe nunca cursou Pedagogia, como sonhara na época que migrou do interior para a capital de São Paulo. Mesmo assim, educou, sem ajuda do meu pai, cinco filhos e um casal de crianças, abandonadas na nossa porta, quando nem haviam aprendido a falar. Trabalhava em dois empregos como faxineira quando concluiu o ensino médio em um supletivo noturno. Conseguiu, assim, ser técnica de laboratório como funcionária pública na Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Minha mãe, ao contrário de minha avó, costumava me dizer que a leitura poderia não me dar garantias de realização como homem, mas insistia que os livros e revistas podiam mostrar muitos caminhos sem que fosse preciso sair fisicamente do Capão Redondo. Minha mãe deixou o mundo dos vivos no final do expediente do seu último dia de trabalho espremida entre um muro qualquer e um carro sem direção.

O desejo de investigar os sentidos de futuro para jovens negras deixou o seio familiar e começou a ficar mais forte em 1997. Nesta época as freiras, irmã Derly e irmã Ana Célia, da Congregação das Irmãs Azuis de Nossa Senhora, coordenavam o Centro Comunitário da Criança e do Adolescente (CCCA), acomodado na Igreja dos

Enforcados na Avenida Liberdade, no centro da cidade de São Paulo. As freiras convidaram-me para ajudar como educador social nos trabalhos que realizavam com meninas e meninos que dormiam ao relento da Praça da Sé, além de outras crianças e adolescentes abusados sexualmente, ameaçados de morte, espancados e queimados que moravam nos cortiços da região. As cenas da mais alta penúria e violência me indignavam produzindo, entre outras, a seguinte indagação: Por que a maioria eram pretos? Hoje, ainda são.

Nesta época o CCCA recebeu uma voluntária também muito jovem com traços orientais. Simone Toje, descendente de japoneses e atualmente antropóloga, com graduação na Universidade de São Paulo (USP), mestrado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutoranda no Reino Unido, se tornou para mim um grande incentivo de dedicação aos estudos e aos outros. Ao lado dela, várias vezes fiz curativos nos dedos queimados pelas chamas dos isqueiros a gás butano, que os viciados utilizavam para inalar o crack em pleno céu aberto, em ruas conhecidas como “Crackolândia” na região do bairro da Luz e da Praça Júlio Prestes. Visitávamos cortiços, “mocós” (lugares improvisados e precários em baixo de viadutos), casas abandonadas espalhadas pela Praça da República, Parque Dom Pedro II, Brás, às vezes, durante o dia, às vezes, à noite. Foram, enfim, muitos lugares do centro da cidade de São Paulo que frequentávamos porque infelizmente nestes locais, inúmeros meninos e meninas habitavam.

Porém, só nos primeiros anos de minha formação acadêmica como psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS), que o meu desejo de pesquisar a subjetividade de jovens negras ganhou estatura acadêmica. No segundo período do curso comecei participar de um grupo de pesquisa a convite da professora Dra. Sheila Murta, que hoje faz parte do grupo de docentes do Departamento de Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília. O ingresso neste grupo me possibilitou viver os primeiros “o passo-a-passo” de uma pesquisa acadêmica. Na época, o olhar da pesquisa era os adolescentes e como os direitos sexuais destes estavam sendo violados, mas também monitorávamos os casos de assassinatos de mulheres cometidos por seus companheiros afetivos, além da frequência de crimes registrados em Goiás contra os (as) homossexuais de modo geral. Ao passo que os dados da investigação e o monitoramento se solidificavam, eu mais uma vez me questionava do porquê a maioria das mulheres abusadas ou mortas era pobres, periféricas e negras.

Paralelamente ao grupo de estudos e pesquisa com foco no direito sexual de adolescentes, eu cursava a disciplina de Psicologia Escolar, ministrada pela professora Adalgisa Regina Teixeira. Suas aulas foram muito importantes porque eram sempre construídas por diálogos respaldados por referências teóricas de alto nível, referências estas, que me acompanham nos dias de hoje. A Prof.^a Adalgisa me comovia com seus testemunhos de episódios de racismo que ela assistiu contra alguns alunos negros em escolas de classes socioeconômica A e B de Goiânia, antes de tornar-se docente da PUC-Goiás.

A professora Dra. Sonia Margarida Gomes Sousa, se dedicou e se dedica à luta contra o abuso sexual em crianças e adolescentes. Eu a procurei na PUC-Goiás, com o interesse de estudar com ela e conhecer mais de perto a realidade cruel das vítimas deste crime bárbaro. Então, fiz parte do seu grupo de pesquisa como voluntário. Eu estive ao lado de excelentes pesquisadores de vários níveis diferentes: graduandos como eu, mestrandos e doutorandos. Meses depois me vi agraciado com a iniciação científica como bolsitas da CAPES com um projeto de revisão de periódicos em língua inglesa no período de 2008 a 2010 sobre o atendimento psicossocial de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual com enfoque sócio-histórico. Este projeto colaborava com a pesquisa mais ampla que a Prof.^a Sonia coordenava com o título “Investigação Sobre o Processo de Atendimento Psicossocial à Crianças e Adolescentes Vítima de Abuso Sexual”, que elegeu como cenário para obtenção de dados a rede de atendimento para as vítimas desse tipo de violência no município de Goiânia.

No último ano na PUC-Goiás, graças às experiências que relatei, decidi que prosseguiria as pesquisas no mestrado. Portanto, conhecer a psicóloga mestra Melissa de Paula Santos Costa foi fundamental. Com sua sensibilidade que ultrapassa a profissão, pois escreve livros infantis com a temática étnico/racial, me possibilitou saber mais sobre os desafios, conquistas e agruras da mulher negra em sua amplitude. Dona de uma escrita refinada que reflete a vasta biblioteca que possui na sua residência, me permitiu refletir sobre a mulher negra sob vários ângulos, especialmente que elas não são somente agruras e sofrimentos, mas também alguém que ama, que sonha, que espera e que estuda muito. Por intermédio da Melissa, conheci outra pessoa muito especial, outra psicóloga negra: Clélia Prestes. Mestre em Psicologia Social pela USP e militante do movimento negro paulistano me ajudou emocionalmente e na preparação para o

processo seletivo que resultou no meu ingresso no mestrado. Por esta razão carinhosamente me refiro a ela como minha madrinha.

Por meio da sapiência, da graça, do jeito específico de serem mulheres e, de se lançarem contra os fenômenos psicológicos e sociopolíticos da opressão, cada uma destas mulheres, à sua maneira, atualizaram neste estudo o desejo de compreender os sentidos de futuro de jovens negras partindo de um presente que se revela com tensões como estarem próximas, segundo a Revista Fórum, de 89 assassinatos ocorridos na região do M'Boi Mirim em 2011; de “*biqueiras*¹” ao lado de delegacias; onde alguns policiais geralmente causam tanto medo quanto os bandidos (Batista Jr., 2012); onde, igual à toda São Paulo, os óbitos daqueles de cor preta, ocorrem de infortúnios por uma morte desgraçada (Batista, Escuder & Pereira, 2004), onde o desemprego e a baixa escolaridade filiam mais mulheres comparado aos homens, com um número de preferência para as mulheres de pele negra e parda (PDA, 2008). Estas tensões, parando para ponderar, podem possivelmente ser o que suscitam o refrão nas vozes jovens: “*Aqui é Capão Redondo Tru*², *não Pokémon*³, *é Stress concentrado, um coração ferido por metro quadrado*” (Racionais Mc's, 2002).

Todavia, somente em um “pião”, em um “role”⁴ pelo Capão⁵ se pode compreender porque da “ponte pra cá o mundo é diferente” (Racionais Mc's, 2002). É caminhando pelas ruas do Capão Redondo e do Jardim Ângela que se tem a verdadeira noção deste espaço físico, social e cultural, morada de quase um milhão de pessoas, que nesses bairros adormecem e amanhecem seus pertences, vivem e projetam sua existência.

Trata-se de uma região que se estende da ponte João Dias e da ponte do Socorro sobre o rio Pinheiros às fronteiras dos municípios de Itapeverica da Serra, Embu-Guaçú, Embu das Artes. As vias principais de circulação e transporte são

¹ Ponto de venda de drogas.

² Redução da palavra “truta”: termo utilizado por alguns jovens com o significado de “parceiro”; “camarada”; “companheiro”.

³ Pokémon ou Pocket Monsters é uma marca japonesa mundialmente conhecida que engloba uma gama variada de produtos, que no Brasil se tornou conhecida como animação transmitida pela Televisão aberta

⁴ Expressões populares que significam dar um passeio, dar uma volta.

⁵ Forma abreviada para Capão Redondo.

representadas pelas estradas de Itapecerica da Serra e M'Boi-Mirim; Av. Carlos Caldeira Filho e a linha Lilás do metrô: Capão/Largo 13.

A região surgiu nas imediações da Represa Guarapiranga, onde, segundo depoimento oral de antigos moradores do Jardim Ângela, gente que residia e trabalhava no centro da capital paulista se aventurava para caçar, pescar e acampar na região praticamente despovoada, conhecida na segunda década do século XX, como os sertões de Santo Amaro, então outro município. O nome de Capão Redondo foi dado ao bairro por seus primeiros moradores; o motivo que os levou a usarem esta denominação foi por haver um descampado de mato com cerca de 50 quilômetros de circunferência. Tem também a possibilidade do nome ter sido dado porque a área parecia um caldeirão que na língua indígena quer dizer “capão”.

A história da região é rica em detalhes que não temos tempo de trazê-la na íntegra. Contudo, destaco a participação das mulheres que foi fundamental para a edificação do espaço. Entre tantas outras coisas, elas eram responsáveis por confeccionar com o barro do local os tijolos que serviriam para a construção de suas casas nos vários mutirões que construíram a região. Muitas eram responsáveis pelo o sustento de seus filhos, com ou sem a colaboração dos companheiros.

A primeira ocupação do Capão Redondo aconteceu nas imediações do Parque Santo Dias e da EMEF Ricardo Vitiello, nas confluências das Avenidas Solidariedade e Marmeleira da Índia com a Avenida Elias Maas que leva o nome de um dos diretores do Colégio Adventista, que se tornou atualmente no Centro Universitário Adventista (UNASP). Por volta do ano 1915 se construiu nas imediações um grande complexo de represas que foram aterradas em várias construções algum tempo depois. Hoje, em seu lugar se visualiza um conjunto de prédios populares construídos pela Companhia de Habitação de São Paulo (COHAB) conhecido como COHAB Adventista. Pode-se verificar também no lugar das antigas represas duas avenidas com um córrego sem tratamento chamado de Moenda. O comércio é intenso desde o largo da Piraporinha, Largo do Jardim Ângela, Largo Salvador Correia, Praça Nossa Senhora do Carmo ao Shopping Campo Limpo situado na Estrada do Campo Limpo, 459 no bairro da Vila Prel.

A saúde da região conta com dois Hospitais: Hospital do Campo Limpo e Hospital M'Boi Mirim. Os bairros apresentam uma média de mais de três moradores por dormitório em residências, com deficiências graves na rede de esgoto e com problemas na infraestrutura para abastecimento de água. Isto porque o sistema de abastecimento de água foi construído há muitos anos atrás e não comporta o número de moradores do bairro atualmente.

Morato, Shinji Kawakubo e Luchiari (2011) em um estudo com o título “Geografia da desigualdade ambiental na Subprefeitura de Campo Limpo Município de São Paulo/SP” concluíram que na região do Capão Redondo e Jardim Ângela os pobres estão mais expostos aos riscos decorrentes da localização de suas residências. Para os autores a vulnerabilidade das moradias, as inundações, escorregamentos e à ação de esgotos a céu aberto produz a perigosa correlação entre indicadores de pobreza e a ocorrência de doenças associadas à poluição por ausência de água e esgotamento sanitários ou por lançamento de rejeitos sólidos, emissões líquidas e gasosas de origem industrial.

No tocante a violência endêmica que assola a região, o maior símbolo é o cemitério do jardim São Luiz, onde estimativas não oficiais dizem haver algo em torno 150.000 sepultados sendo que de 80% por morte violenta. Para combater e tentar diminuir os índices de mortes, muitos movimentos sociais contra a violência existem atualmente na região. Um dos mais importantes, considerando o tempo de luta é o Fórum de Defesa da Vida.

Segundo Silva (2012), em meados dos anos 1990, lideranças políticas que surgiram no contexto das lutas por melhoria da infraestrutura na periferia, juntamente com grupos articulados politicamente em torno da Igreja Católica, se uniram no combate à violência. Essa união se deu na Igreja de Vila Remo, onde, na época, se avolumavam as Missas de Sétimo Dia encomendadas pelas famílias de jovens mortos por grupos que agiam à margem do Estado de Direito. As ações dos párocos, em especial, do padre Jaime Crowe da Igreja Santos Mártires, recém-chegado ao Jardim Ângela, em conjunto com lideranças comunitárias e familiares dos jovens mortos culminaram na organização do Fórum de Defesa da Vida. Para dar visibilidade ao protesto foi criada em 1996 a Caminhada pela Vida e pela Paz, uma manifestação de rua

realizada anualmente no Dia de Finados com destino ao Cemitério do Jardim São Luís. Este evento reuniu cerca de 3.000 pessoas na 16ª edição em 2011 (Silva, 20012). Em 2013 a 18ª edição aconteceu encerrando o VI Fórum Social Sul.

O Capão Redondo e o Jardim Ângela também trazem uma riqueza cultural que vem sendo explorada. Para Carril (2006) quando se refere à periferia a: “organização se faz entre as mulheres (homens) em torno da música, da dança e da arte, ali onde o meio lhe é hostil” (p. 66). É através da cultura que a periferia, o Capão Redondo e o Jardim Ângela têm virado as páginas de uma história de violência para as páginas culturais. Lá da adolescência eu olhava a região à minha volta e a própria vida como se tudo fosse assim mesmo: a pobreza e a fome espalhadas pelas casas sem quintais; as mulheres sem emprego, de olhos roxos com hematomas e fraturas causadas por “amor” de homens “bandidos”; as enchentes e leptospirose do córrego Pirajuçara; o estopim de pólvora com cheiro de morte nas vielas e escadões; a escola Estadual como complemento alimentar; ser seguido por seguranças de preto nos corredores de supermercados e *Shopping Centers*; ficar de pernas e mãos arreganhadas num muro qualquer, com a nuca enrijecida pelo ferro frio de uma pistola ponto quarenta e o calor do hálito policial, em um suposto procedimento para minha própria segurança ao interrogar de onde e para onde eu ia. Tudo isso era vivido como natural. Na fala da época: “Normal”.

Atualmente a pele negra que me cobre os ossos e a alma não trocou de endereço, ainda reside na região. Minha pele, cada dia mais negra, agora já não consente com o “normal”, mas busca em meio às atividades comunitárias que dão fôlego e sobrevivência para quase um milhão de habitantes da região, compreender tantos sorrisos e sonhos, apesar das noites mal dormidas de choros.

Desse modo, nas minhas aspirações de pesquisar os sentidos atribuídos ao futuro nas perspectivas das jovens negras da periferia, me referenciei no modelo de pesquisa qualitativa, uma vez que este tipo de investigação permite o convívio do pesquisador com seus colaboradores. Isto proporcionou uma sinergia entre as jovens participantes porque possibilitou que fizessem sugestões no processo investigativo, além de facilitar chegarmos aos sentidos das respostas provenientes dos encontros que realizamos juntos. Por meio da pesquisa qualitativa pôde-se, então, explorar os

encontros individuais e as respostas dadas pelas jovens negras indo além dos seus primeiros rebates puramente racionais, já que tinham a consciência de que podiam, à medida que desejassem, rever e aprimorar suas próprias respostas (Bosi, 2008).

Para analisar os sentidos de futuro para jovens negras que vivem, é verdade, em vários casos sob a pressão da lastimável inóxia, mas que não sucumbem e nem se despendem da vida. Para compreender, como e porque se dá tal teimosia contra uma sensível degradação histórica; como esta teimosia se envolta de expectativas para ganhar o futuro que elas dão sentido apoiei-me em alguns artigos produzidos por autores que se dedicam ao tema juventudes, gênero e relações étnicos/raciais. A análise das informações provenientes do campo de pesquisa, com sua riqueza mergulhada em certa complexidade como a própria dinâmica das jovens colaboradoras, se edificou pelo entendimento de que essas contribuições científicas favorecem na análise dos sentidos que as jovens disseram atribuir a respeito do tempo por vir.

Desse modo, com o devido cuidado de manter as particularidades trabalhei com a teoria Socio-histórica, uma vez que Vygotsky (1896 — 1934), empenhou-se em criar uma teoria que abarcasse uma concepção de desenvolvimento cultural do ser humano mediado especialmente pela linguagem como instrumento do pensamento. E na tradição de pensamento da crítica da sociedade, pois esta última tem como princípio a crítica da permanência da barbárie no seio da civilização, ou dito de outra maneira, a crítica contra os entraves e os impedimentos à concretização do projeto emancipador do ser humano, mesmo com os avanços tecnológicos e legais. Creio que as proteções da civilização e da lei ainda estão distantes dos jovens pobres do Capão Redondo e do Jardim Ângela, exatamente por conviverem com a barbárie e o desrespeito de direitos.

Para que os caminhos por onde caminhei, assim como as análises daquilo que as colaboradoras me forneceram fiquem mais explícitas, eu dividir este trabalho da seguinte maneira: O primeiro capítulo é uma pequena Apresentação, O segundo capítulo trata-se de uma Introdução com um voo panorâmico sobre o conceito de juventudes e suas implicações políticas, Pesquisa Participante e sobre Pesquisa de campo. O terceiro capítulo se ocupa da Metodologia. O quarto capítulo, por sua vez, faz uma pequena Apresentação das jovens entrevistadas e o quinto se dedica aos sentidos de

Futuro das jovens colaboradoras desta pesquisa. Por fim no sexto capítulo faço minhas Considerações Finais.

2. Introdução

Quando conversamos, dialogamos, contamos algo, nossas palavras referem-se ao mundo que nos envolve com sua realidade e suas ficções. “O ser humano não é algo abandonado no universo, vítima de si mesmo” (Ribeiro, 1999, p. 31); oscila na busca do equilíbrio fazendo contato reiteradamente. Neste sentido, o diálogo, a conversa, podem ser considerados a oscilação entre uma visão e outra, entre uma reflexão e outra. Segundo Gonçalves Filho (2004), a conversa abre portas para um lugar de pensar que ninguém ocupava antes de conversar. Por esta razão buscamos estar perto da realidade vivencial das jovens negras moradoras da Região do Capão Redondo e Jardim Ângela com intuito de compreender os sentidos “de futuro” por meio das falas, das histórias que elas nos reservaram. Isto porque, discute Gonçalves Filho (2004), a comunicação com cidadãos das classes populares pede muitos deslocamentos. Estes deslocamentos culminam, por sua vez, em outro ponto de onde nossa visão vai ver o que não via antes. Desse modo, a compreensão mais segura desse novo ponto de visão vai sempre depender de bem ouvir estes cidadãos.

Foi exatamente para ouvir que procuramos estas jovens negras. Isto porque nos é muitíssimo caro compreender, utilizando as palavras Walter Benjamin (2000), como “os destinos mais obscuros, os mais terríveis” dos jovens mais pobres são ao mesmo tempo expectativas sobre o futuro que vem das tragédias do passado e do presente. Várias das jovens que colaboraram vivem na penúria. Contudo, são criativas para resistência à vida danificada e, de alguma maneira, não sucumbirem. É exatamente esta resistência aliada à educação emancipatória que Adorno (1995) vê possibilidades contra a perenização da formação social vigente que brutaliza a consciência, que reifica gente e suas relações. Visto que em seu argumento, Adorno assevera que para o conhecimento se tornar possível, há a necessidade da mediação do sujeito racional. A atividade reflexiva é a concentração que se apresenta como momento ativo do sujeito em face da vida danificada (1995 p. 18).

Em face da vida danificada, cada existência humana, cada pessoa, como já muito foi propagada, é um mistério a parte, um sozinho no meio da multidão, como nas poesias de Baudelaire, ou um caçador de si como na canção. Há então, traços

singulares que têm como suas maiores pistas de investigação: as palavras. Porque este mistério à parte, este ser sozinho, precisa imprimir as máximas que lhe vêm de dentro. A solidão que exige ser expelida é o laço de existência que nos une a todos. Tão dolorosa solidão que, segundo os argumentos de Barros Filho, Lopes e Issler (2005), tem que ser comunicada porque de outro modo, não compartilhada, se torna isolamento que apoquentá, entristece. De nossa parte acrescentaríamos que adocece.

Por isto temos que comunicá-la. Calar-se seria insuportável. Nossas angustias, medos, tristezas têm que ser relatados. Mas também nossas alegrias. Compartilhar é preciso. Só se compartilha comunicando (Barros Filho, Lopes & Issler, 2005 p. 8).

Todo comunicar, todo “por para fora”, necessita de uma relação para se estabelecer. O que quer se revelar precisa do outro que o reconheça. É por esta razão que Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831) afirma que por intermédio da busca por reconhecimento o outro nos individualiza ao mesmo tempo que nos coletiva. No prefácio em Fenomenologia do Espírito, revela: “a substância viva é o ser, que na verdade é sujeito, ou – o que significa o mesmo – que é na verdade efetivo, mas só a medida que é o movimento de pôr-se-a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo de tornar-se-outro” (Hegel, 2001, p. 18; 30 [IV]).

Esta citação do prefácio da Fenomenologia Hegel reconhece que há um sujeito ativo na busca de reconhecimento do seu semelhante. Ao afirmar que a substância viva é o ser, que na verdade é sujeito, reconhece a subjetividade humana que vem da tradição Platônica ou Neoplatônica do medievo, mas dá um salto qualitativo, uma vez que considera igualmente a intersubjetividade para a existência humana. Neste sentido insiste Hegel (2001), a linguagem:

Com a memória, a atividade cognitiva do sujeito singular aponta já para a sua plena efetivação e para sua existência contínua, no horizonte histórico da existência de um povo, de uma comunidade de indivíduos que compartilham uma língua e uma tradição. Somente como obra de um povo a linguagem é a existência ideal do espírito, na qual ele exprime o que ele é segundo sua essência e em seu ser (V. III, p. 39),

Este postulado hegeliano que indica o ser humano como produtor indelével de sentidos, um produtor ontológico, portanto.

Essa relação do “por-se-a-si-mesmo” na relação com outro nos serviu de justificativa para a preocupação de facilitar, por meio da mediação de um morador negro como entrevistador e pesquisador, a fala das jovens negras que encontramos como colaboradoras deste trabalho. Também, permitiu compreender o caráter social da fala das jovens e os sentidos individuais destas falas para além do comportamento, uma vez que, elas relatam a universalidade nos seus enunciados e compreensão da sua história pessoal quando contam sobre suas vidas, quem e o que as circundam, além do que elas esperam em termos de dificuldades e alegrias do futuro.

Neste sentido a reatualização da filosofia de Jena do jovem Hegel por Axel Honneth (2007) nos foi muito importante, visto que promove a ideia de luta por reconhecimento tendo como prisma a forma de relações sociais contemporâneas na qual a gramática priva direitos. Esta privação de direitos promove nas pessoas um tipo de “morte social”, porque esvazia a autoestima. Tolhe assim, a capacidade de se relacionar com os outros de igual para igual.

Ouvir as falas das jovens negras da região do Capão Redondo e do Jardim Ângela nos foi importante também por um outro ângulo, pela outra face da moeda que contempla a história pessoal, que como história coletiva se reúne sob o pressuposto de que cada pessoa sintetiza sua individualidade na relação com seu meio físico, geográfico, histórico e social, o que amplia o psiquismo humano, fundamentalmente constituído por categorias como a consciência, atividade e afetividade, mediadas pelas emoções, as linguagens e o pensamento que objetivam e subjetivam o psiquismo humano (Lane, 2007).

Para Marx (1965), a produção de ideias, de representações, da consciência está, desde o início, diretamente entrelaçada com a atividade material da humanidade, como a linguagem da vida real. “O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanção direta do seu comportamento material” (Marx, 1965, p. 21). Assim sendo, as palavras das jovens negras da região do Capão Redondo e Jardim Ângela são a forma ontológica em que o seu psiquismo, segundo Gonzáles Rey (2002), passa a ser definido essencialmente pela cultura através

dos sentidos subjetivos que se constituem historicamente nos diferentes sistemas de atividades e comunicação humana.

A existência humana em sua aventura única para cada ser, se considerarmos sua ontologia, desenvolveu-se através de ferramentas criadas por ela e, de uma linguagem articulada com o fim de transmitir aos seus pares à utilidade destas ferramentas (Lane, 2007). Visto dessa maneira, a subjetividade aprisiona o mundo através do pensamento e da língua e, assim torná-lo possível a partir de sua narrativa.

As jovens negras do Capão Redondo e Jardim Ângela por meio de seus relatos generosos, quase sem pressa para terminar as conversas, debruçadas na tarefa complexa de sobreviver diante de tantos empecilhos ao que elas arquitetam de seus futuros pronunciaram os sentidos que dão para o futuro em seus diferentes sistemas de relação que à sua maneira, protagonizam e permitem coadjuvantes, isto é, com quem contar para caminhar junto.

O tempo e o espaço circunscrevem suas falas. Estas se mantêm vivas quando a interpretação é deixada a cargo do ouvinte, quando não pode transformar-se em dogma. Assim, falar do futuro permitiu representarem suas experiências, refletirem sobre si mesmas, sem deixarem de caminhar pelos caminhos do dia a dia. De nossa parte, convidados por elas para caminharmos juntos pela paisagem da periferia tivemos, justamente, a responsabilidade de ouvir suas histórias propulsoras de sentidos e de recontá-las para não se tornarem dogmas.

Experimentar o cotidiano e ouvir sobre o que essas jovens esperam do futuro em sua atmosfera histórico-social (Vygotsky & Luria, 1996) nos indicou alguns caminhos de aproximação dos sentidos de futuro que elas narram. Para Vygotsky, argumenta Daniels (1996), o contexto social onde todo o ser humano se desenvolve, não é simplesmente um ambiente objetivo, isto porque, existem relações dialéticas entre níveis sociais e individuais que permitem explicações psicológicas sem a redução direta de um em detrimento de outro. Sendo assim, para Vygotsky (1999), todos os estágios do desenvolvimento humano e sua organização, são produtos sociais e devem ser visto como desenvolvimento histórico. Para tanto, Vygotsky (2004) trabalhou com o desejo de encontrar um método para estudar o ser humano como um ser biológico, social e que possui uma unidade entre mente e corpo. Neste sentido trabalhou sistematicamente no

intuito de compreender as especificidades da condição humana, com ênfase, no entanto, na historicidade, na disposição semiótica de mediação proveniente dos processos psicológicos eminentemente dos seres humanos. Desta maneira, o conceito de sentido, compreende o acontecimento semântico singular, produto das relações subjetivas. O significado da linguagem é produzido socialmente. O sentido é produto da experiência de vida. Nesta pesquisa procura-se interpretar os sentidos de futuro das jovens negras residentes na região do Capão Redondo e do Jardim Ângela. Portanto, o sentido de futuro que elas narram serve como índice de análise, visto que é o resultado da formação social marcada por transformações qualitativas e por processos criativos.

Esta concepção auxiliou nos nortes desta investigação, visto que permite o exame dos sentidos suscitados em relação ao futuro das jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela, como de seres históricos e, portanto, estão em um processo contínuo de transformações, cuja dinâmica tem o sentido do devir; jamais atinge a completude e o estado definitivo, permitindo assim, um acompanhamento com possibilidade de intervenção que as favoreçam.

Observando que a função primária dos *signos* é a comunicação, Vygotsky (2004) buscou a explicação do desenvolvimento humano em interação social verbalmente mediada. Segundo Néelson Jahr Garcia (2002), Vygotsky estava preocupado em entender a relação entre as ideias que as pessoas desenvolvem e o que dizem ou escrevem sem ver na linguagem apenas um código aleatório: “Uma palavra que não representa uma ideia é uma coisa morta, da mesma forma que uma ideia não incorporada em palavras não passa de uma sombra.” (p. 5)

Silvia Lane (1984) argumenta que o indivíduo se percebe enquanto pessoa e enquanto componente de uma classe social, em outras palavras, dá sentido a sua realidade, por meio da linguagem, ou seja, dos sentidos que também nos chegam dos significados adquiridos socialmente através das relações. A linguagem, que é veículo da ideologia (que, por sua vez, constitui a visão/leitura de mundo do indivíduo), da estrutura do pensamento e da ação dos indivíduos sobre a sua realidade. Nos argumentos da autora, essa ação pode ser ou alienada, se o indivíduo tem sua consciência reificada por uma ideologia naturalizante de sua condição (que é, na verdade, produto de um processo histórico, cultural e social), ou transformadora, se esse

indivíduo é participante de um processo de desenvolvimento da consciência de si, de consciência de classe e de consciência social (Lane, 1984). Assim, a linguagem é construída por uma reunião e reinvenção de significados sociais. Destes significados surgem os *sentidos* próprios, pessoais. Os sentidos sobre futuro, por tanto, que nos foram contados estão intimamente ligados a interpretação que cada jovem negra, colaboradora deste estudo, atribuiu para a sua realidade social, econômica, histórica e cultural.

A linguagem, que não pode ser analisada separada do pensamento faz do ser humano determinado e é determinante de outros indivíduos humanos, pois sua constituição se dá a partir da sua relação com o outro, das interações sociais. Ambos, linguagem e o pensamento são constituído por necessidades, interesses, emoções e desejos individuais. São atividades carregadas de significados sociais e que é mediado por *signos*, isto é, mediado pelo *sentido* atribuído (Lane, 1984). Desse modo, pode-se considerar que o sentido não é a simbolização, por exemplo, de um objeto, de um episódio ou acontecimento, mas um fator intencional singular, a interpretação de uma consequência.

Nesta linha de reflexão em que o sentido é a interpretação intencional e singular de um acontecimento, Bock (1997) argumenta que para que a Psicologia possa compreender o indivíduo é preciso levar em consideração a singularidade desse sujeito a partir da inserção do mesmo na realidade social e histórica que atribuem sentido à sua forma singular de ser. Dessa forma, para Freitas (2007), o pesquisador não se encontra em um lugar de apenas contemplar este objeto e falar sobre ele, mas sim de dialogar com ele. Inverte-se, desta maneira, toda a situação, que passa de uma interação sujeito-objeto para uma relação entre sujeitos. De uma orientação monológica passa-se a uma perspectiva dialógica. Isso muda tudo em relação à pesquisa, uma vez que investigador e investigado são dois sujeitos em interação. O ser humano não pode ser apenas objeto de uma explicação, produto de uma só consciência, de um só sujeito, mas deve ser também compreendido, processo esse que supõe duas consciências, dois sujeitos, portanto, dialógico (Freitas, 2007).

2. 1. Juventudes:

Muito se tentou homogeneizar o conceito de juventude em um padrão de desenvolvimento biológico, psicológico e legal. O clássico poeta romano Ovídio (43 a.C. — 17 ou 18 d.C.), por exemplo, compara as passagens da vida com os ciclos do ano. O verão é a juventude no auge da capacidade física e reprodutiva. Em “Metamorfoses” escreve:

Não vês as estações do ano se sucederem, imitando as idades de nossa vida? Com efeito, a primavera, quando surge, é semelhante à criança nova..., mas ainda falta vigor às folhas. Entra, então, a quadra mais forte e vigorosa, o verão: é a robusta mocidade, fecunda e ardente (Ovídio, 1983, p. 203).

Santo Agostinho (354 – 430) Em “Confissões”, a partir da própria experiência da vida, minuciosamente narra e reflete a juventude como conflituosa e voltada aos desejos corpóreos (Abrão, 1999). Agostinho em suas concepções:

“Estava já morta a minha adolescência, má e abominável, e entrava na juventude, quanto mais velho em idade, tanto mais abjeto em futilidade, de tal modo que não me era possível conceber uma substância a não ser aquela que se costuma ver com estes olhos do corpo”. (Agostinho, 2008, p. 17, VII. Cap. I)

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778) depois de ter denunciado as condições das mulheres de seu tempo, publica em 1762 dois trabalhos denominados “Emílio” e “Do Contrato Social”. Obras que lhe renderam uma ordem de prisão, além destes livros terem sido queimados sob o julgo das autoridades de sua época, como extremamente ofensivos (Abrão, 1999). Em “Emílio” Rousseau, segundo Islas (2009)

nos lega a concepção moderna de juventude ao separar a criança e o adolescente do adulto.

A visão de juventude expressa em Ovídio como ciclo biológico no ápice reprodutivo, de Santo Agostinho que vê na juventude um poço de conflitos, com pouca responsabilidade e imersa nos desejos carnis e, principalmente a de Rousseau que começa a pensar os jovens como aqueles que precisam ser resguardados pela esfera legal, permanecem de alguma forma no nosso século, mas com as alterações que sofreram com o passar do tempo.

Para Islas (2009) a influência de Rousseau se diversifica em três vertentes: a pedagógica, a psicológica e a sociológica. Não obstante, estas três vertentes ao logo da história caminharam com suas próprias pernas, ainda que houvesse tentativas de convergência, na construção de um largo e complexo corpo teórico. A novidade dos séculos XX e XXI é o de não mais buscar compreender uma juventude somente marcada por um processo físico-biológico com múltiplos conflitos psicológicos decorrentes da pouca maturidade da idade e com inconstâncias do vigor físico e reprodutivo, para a ideia de juventudes.

O campo de estudo e conceitualizações em torno das noções de juventude, argumenta León (2009), teve um desenvolvimento notável, sobretudo nas últimas décadas de transição do século XX para o XXI, tanto de um ponto de vista analítico, quanto da perspectiva de desenvolver determinadas ações consideradas como de políticas públicas com foco em promover fomento, desenvolvimento, proteção e promoção das diversas condições em que se inserem os diferentes conjuntos de jovens. Deste modo, para este autor não resulta uma novidade, mas sim uma necessidade nos referirmos as estes coletivos sociais, de falar e conceber diferentes “juventudes” em um amplo sentido de heterioridades que se podem apresentar e visualizar entre jovens. Isto porque, ao longo da história do conceito juventude, percebe-se um acúmulo de novos conteúdos e contornos psicológicos, sociais e jurídicos.

Apesar deste acumulo, Dayrell e Gomes (2010) chamam a atenção para a forma como se correlacionam algumas imagens e preconceitos sobre a juventude que são amplamente divulgadas. Entre as mais arraigadas, como concebem os autores, está a imagem da juventude na condição de transitoriedade na passagem para a vida adulta.

Esta imagem traz a tendência de encarar a juventude por uma ótica negativa. Isto porque o jovem não está completo porque ainda é uma promessa do que virá. Outra imagem bem divulgada é do jovem visto como problema. Sua visibilidade se dá associada ao crescimento alarmante dos índices de violência, ao consumo e tráfico de drogas ou mesmo à expansão da Aids e da gravidez precoce, entre outros. Questões estas muito caras, mas que sem o devido cuidado pode colaborar com uma forma reducionista de enxergar os jovens. Sob a ótica do problema, as ações em prol da juventude passam a ser focadas na busca de superação do suposto “problema” e, nesse sentido, voltam-se somente para os setores juvenis considerados pela sociedade, pela escola e pela mídia como “em situação de risco”.

Para Dayrell e Gomes (2010) é também muito presente a imagem romântica da juventude imerso na mais pura liberdade, do prazer, da expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia, argumentam os autores, se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e erro, para experimentações, um período marcado pela busca do prazer e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil, completamente estanque das dificuldades e dores também envolvidas nas descobertas, no confronto com os limites dados pela história individual, pelo contexto familiar e social. Por estas razões que ganharam força de expressão na convivência com jovens, a literatura que se ocupa deles, não concebe mais uma “juventude”, mas “juventudes”.

Para Esteves e Abramovay (2008):

“Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.”

Este deslocamento conceitual e analítico de juventude para juventudes possibilitou compreendermos melhor as especificidades na forma como se vive a juventude na Região do Capão Redondo e Jardim Ângela que segundo diagnóstico

realizado no ano de 2007/8 pelo o Programa de Desenvolvimento de Área: Sampa Sul (PDA) revelou que o Capão Redondo e Jardim Ângela estão entre os quatros bairros em termos populacionais na faixa de 16 a 19 anos na cidade de São Paulo, e que as mulheres, os não brancos e as pessoas com ensino fundamental incompleto são a maioria entre os desempregados.

Os estudos na região publicados pela o PDA (2008) apontaram que os jovens do sexo masculino, são mais numerosos que as meninas até a faixa de 15 anos de idade. Todavia, por motivos adversos, em especial a morte violenta e o envolvimento com o narcotráfico, passam a ser minoria a partir dos 16 anos. Conforme os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas IBGE (2012), a região do Capão Redondo e Jardim Ângela é uma das regiões onde a somatória dos declarantes pretos e pardos supera o número total de brancos. Estes dados do PDA e do IBGE nos permitem afirmar que dentre os jovens residentes na região próximo do dobro são de jovens mulheres negras.

Portanto, as especificidades na forma de se viver a juventude nos bairros do Capão Redondo e Jardim Ângela, estão muito ligadas ao cenário de penúria que as periferias apresentam. Mas também revela várias manifestações coletivas de luta por reconhecimento (Honneth, 2003) e, em defesa da vida nos mais variados movimentos sociais desde moradia, saúde, às relações étnico/racial, à religiosidade, à cultura. Segundo Axel Honneth (2007), este reconhecimento não se dá de forma automática e por simples deliberações, visto que a privação, o sofrimento e a humilhação geradas pelo não reconhecimento são partes constituintes dos amálgamas dos conflitos sociais. Para o autor, a construção da justiça social se dá pela luta por reconhecimento em três dimensões: relações primárias (amor, amizade), relações jurídicas, comunidade de valores (solidariedade), e suas respectivas formas de desrespeito (Honneth, 2003; 2007; 2009).

A juventude nos bairros do Capão Redondo e Jardim Ângela vive em meio aos problemas no acesso a direitos sociais e econômicos. Estudos de Cardia e Schiffers (2002), os levantamentos do Programa de Desenvolvimento de Área (PDA, 2008) e os estudos das Subprefeituras do Campo Limpo e M'boi Mirim (2011) destacam a falta de capital social e a superposição de desvantagens da exposição aos

riscos naturais como doenças curáveis; riscos do meio ambiente como deslizamentos de encostas e os trasbordamentos de córregos e enchentes, riscos de morte por causas externas tais como acidentes de carro ou motocicleta, a morte por bandidos e por alguns policiais, tráfico de drogas, fatores ligados a eventos e experiências da vida. Concomitante são negados de forma sistemática e simultaneamente os direitos à saúde, à educação, à cultura e ao lazer (Cardia & Schiffers, 2002).

Contudo, se percebe nesta região um crescimento no número de jovens do sexo feminino empunhando bandeiras de lutas nos mais variados temas já citados, como a violência, moradia, gênero e étnico/racial. O que vai ao encontro dos estudos de Gohn (2009) cujos dados nos confirmam que as mulheres são maioria nos movimentos feministas, nos movimentos populares de luta por melhores condições de vida e de trabalho, tanto na zona rural como nos espaços urbanos, assim como: “nas redes e nos foros transversais que ultrapassam as fronteiras nacionais” (p. 133).

No Capão Redondo e no Jardim Ângela percebe-se uma grande adesão às lutas populares de mulheres jovens em resposta a violência das ruas periféricas que extrai uma grande parte das mulheres, especialmente as jovens, dos ambientes públicos, inclusive de boa parte da produção cultural e as inserem no ambiente doméstico onde estão mais vulneráveis à se tornarem vítimas das restrições impostas pelo machismo e outros tantos tipos de violências, que em muitos casos resultam em óbito das mulheres.

Nos movimentos sociais organizados sob a temática de gênero, já não existem dúvidas, de que as mulheres jovens, cada vez com menos idade, vêm se destacando por obterem um alto índice de participação e organização de suas demandas em entidades parceiras e por praticamente sustentarem as redes solidárias de projetos sociais que trabalham com a tentativa de inclusão social de crianças e adolescentes, no combate às drogas e à vulnerabilidade sexual, alimentar etc. (Gohn, 2009).

Contudo, ainda que haja tanta presença feminina nas conquistas nos mais variados campos das lutas sociais há uma grande invisibilidade da mulher em nossa sociedade. É bom que se destaque que esta invisibilidade não se altera dentro dos próprios movimentos sociais que das jovens negras demandam suas energias. Para a professora Cida Bento (2002), a invisibilidade está até mesmo dentro do movimento

feminista com a alegação de que pensar as relações étnico/raciais poderia dividir e com isto enfraquecer a luta feminina.

Para a professora Garcia (1995) da PUC de São Paulo:

As limitações são também de outras ordens, da ordem da linguagem e da ordem da retórica. Elas são ensinadas a escutar, não formularem suas preocupações... A tarefa de cuidar constantemente dos familiares é um trabalho físico e mental, alienante e restritivo. E torna-se particularmente grave em sociedades como a ocidental, em que as mulheres estão isoladas em casa boa parte do dia. (p. 13).

E, continua a autora: “Esses limites físicos e mentais acabam gerando a fadiga constante tanto no corpo quanto no espírito”. (p. 13).

Neste sentido, segundo Macedo (2007), as análises de gênero nas periferias vêm revelando um perverso protagonismo da mulher na administração da escassez nos grupos domésticos. As mulheres nas periferias, em grande parte, desde muito jovens, orientam sua ação para o planejamento e execução de um conjunto de estratégias no intuito de promover condições de subsistência mais favoráveis para sua família. Insiste a autora que, no desempenho desse papel, as mulheres articulam redes de parentesco e apoio mais amplos, que significam não apenas a mobilização de recursos materiais, mas, inclusive, a integração dos membros da família às novas oportunidades de trabalho.

Para a mesma autora, as relações de gênero nos espaços periféricos têm perpetuado uma desigual distribuição dos esforços cotidianos em torno das famílias, especialmente daqueles relativos ao mundo privado. As consequências do condicionamento das mulheres das periferias à administração familiar faz com que sejam, senão as únicas, as principais responsáveis pelo trabalho doméstico. Portanto, estas se tornam grandes prejudicadas da precariedade dos serviços públicos voltados para a satisfação de necessidades como saúde, educação, infraestrutura urbana (escola, luz, água, esgoto, coleta de lixo etc.).

Percebemos que as jovens negras com quem tivemos contato estão lutando por serem reconhecidas. Elas estão nos movimentos sociais com a pauta contra

a violência nas suas mais variadas faces, mobilidade urbana, gênero, étnico/raciais, cultura. Muitas delas manifestam sua indignação social lutando também dentro do espaço doméstico. Elas modelam estas lutas sociais com a influência do Hip-Hop, Funk, do Samba, da Capoeira, que se pararmos para ponderar, a muito tempo vem sendo abertamente bandeiras assumidas como insurreição que inclui a negritude excluída nas páginas das mais variadas publicações e escritos.

Para Rizzini e Cols (2009), os jovens vivem um tempo de construção de definição de projetos de futuro. Neste sentido, Carmem Leccardi (2006) argumenta:

“Se considerarmos a fase juvenil como uma fase biográfica de ‘preparação’ para a vida adulta [...] A identidade pessoal, conseqüentemente, constrói-se em relação a uma projeção de si no tempo vindouro (o que quero ser?). Nessa perspectiva, o futuro é o espaço para a construção de um ‘projeto de vida’ e, ao mesmo tempo, para a definição de si: projetando que coisa se fará no futuro, projeta-se também, paralelamente, quem se será.” (pp. 35,36).

Deste modo, ao vislumbrarmos a biografia, os projetos de vida e contemplar o sentido que as jovens negras do Capão Redondo e Jardim Ângela possuem dos seus futuros, nos possibilitou viver e refletir a pluralidade do conceito juventude. Nos permitiu ainda, verificar que a negritude vivida nesta região, mesmo que vivida pela a maioria de seus habitantes, está sob uma espécie de capa que as tornam invisíveis. Como tal, sem serem vistas ou reconhecidas buscam juntando forças umas nas outras para amar, dançar, viver a dramaturgia, gritar enquanto se esquivam de balas de borrachas em manifestações por um Brasil diferente, enterrar seus mortos e construir suas casas.

2. 2. Pesquisa Participante:

Conversar, andar pela periferia e ouvir as falas de jovens negras que ali residem foram anseios que vínhamos sustentando desde o início deste trabalho. Deve-se admitir que a opção pela pesquisa qualitativa do tipo participante se fortaleceu principalmente através das discussões sobre empenho ético em pesquisa de natureza qualitativa feitas pelas professoras do Departamento de Psicologia da USP: Leny Sato e Marilene Proença Rebello de Souza. Nesta disciplina com o título de “Trabalho de Campo na Pesquisa Qualitativa em Psicologia”, pudemos entender que este tipo de investigação, em última análise, é uma forma crítica que fortalece métodos colaborativos de investigação. Isso amplia os horizontes para além da simples coleta de dados a respeito das colaboradoras. O contato com a rotina delas nos possibilitou irmos mais profundo em suas falas, morada predileta dos sentidos humanos, como concebe Vygotsky.

Por assim dizer, nos valem da compreensão de que o empenho comum entre sujeitos participantes do processo de pesquisa com participação real e pesquisadores poderia fortalecer o radicalismo que seiva as narrativas da vida e, os sentidos de futuro das jovens negras residentes na periferia: alvo desta pesquisa. Entendemos da mesma forma que Lukács, que “ser radical é tomar as coisas pela raiz. Ora, para o ser humano, a raiz é o próprio ser humano” (Marx apud Lukács, 1974, p.97).

Assim, para chegar à esse radical: o quê aquelas jovens guardavam em sua humanidade com relação ao que ainda está por vir em suas vidas, optamos, como já dito, pela pesquisa psicológica qualitativa, que segundo Gonzáles Rey (1999), os determinantes se definem pela busca e explicação de processos existentes “em complexas e dinâmicas inter-relações que, para serem compreendidas, exigem o estudo integral dos mesmos e não sua fragmentação em variáveis” (p. 54). Uma cuidadosa revisão bibliográfica sobre pesquisa qualitativa permitiu verificamos que há diversos modelos teóricos de pesquisa qualitativa disponível em inúmeras publicações. Por exemplo: Barbier, (1985); Martins, (1989); Martins & Bicudo, (1989); Freitas, (2002);

González Rey, (2002: 2004); Spink, (2003); Delamont, (2005); Minayo, (1994: 2010); Bosi, (2008); Sato & Souza, (2001: 2011). Todavia, também permitiu-nos decidir pelos caminhos de trabalharmos lado a lado com as colaboradoras. Dito em palavras teóricas, decidimos por uma pesquisa participante ou observação participante (Holanda, 2006).

Esta decisão se deu fundamentalmente porque a pesquisa ou observação participante é, como nos argumentos de Queiroz e col. (2007), uma das técnicas utilizadas por pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa com foco na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele por meio da interação com os sujeitos na busca de partilhar com estes sujeitos o seu cotidiano, para desse modo, sentir o que significa e o sentido de estar naquela situação. Para os autores a vantagem repousa na possibilidade de observar o conjunto das regras inter e intrassubjetivas formuladas ou implícitas nas atividades dos componentes de um grupo social que se pretende investigar.

Neste sentido, Delamont (2005) reflete que entre as ambições mais específicas do pesquisador que opta pela pesquisa participante, a inserção no “campo” se dá porque o investigador pretende entender o mundo como este se parece para as pessoas, descobrir o que as pessoas acreditam, o que fazem no trabalho e no lazer: o que as fazem chorar, rir e sentir raiva; quem amar, odiar ou rejeitar, e como eles escolhem os seus amigos e suportam suas relações. Por fim, a decisão se deu porque o método de observação participante, como concebe Becker (1999), tem como ambição saber mais sobre outras pessoas; outras possibilidades, outras oportunidades. Trata-se, na definição de Minayo (2010), de um método que se aplica: “ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões produzidas das interpretações que os humanos fazem a respeito de como convivem, constroem seus artefatos e a si mesmo, sentem e pensam” (p. 57).

Pode-se asseverar, portanto, que a inserção no cotidiano das jovens negras que colaboraram com este trabalho instrumentou nossas ambições de investigar os sentidos de futuro que elas, residentes na região do Capão Redondo e Jardim Ângela, nutrem. Esta afirmação fica possível pela constatação empírica do cotidiano das jovens, que possibilitou e facilitou encontros individuais ou em grupos previamente agendados e, outros tantos acontecidos quase de improviso. Contudo, todos os encontros, pelos

próprios depoimentos, só foram prováveis graças aos laços atados pela inclusão no dia-a-dia daquelas jovens como elemento fundamental no processo de construção de suas falas que coloriram este trabalho.

Por questões práticas e considerando o tempo que tínhamos, somente registramos em gravador digital os encontros que em nossa programação receberam temas definidos: a “*Linha do Tempo*” e o “*Papo sobre o futuro*”. Os outros encontros, os registros dos atropelos, surpresas, medos, enfim, todas as situações importantes foram registradas e um “Diário de campo”, além de filmagens e fotografias tiradas pelo celular. Tudo isto no esforço de buscar o maior teor possível da riqueza que o campo de pesquisa fornecia. Chegamos a média de 4 encontros com cada jovem, porque a prática da pesquisa nos revelou que elas se envolviam na conversa de tal maneira que as conversas iam além da uma hora e meia definida previamente, com intuito de não cansar as jovens. Assim, era comum pedirem para nos encontrarmos para terminar o assunto interrompido pela força do relógio e de seus compromissos. Como se respeitou as agendas das jovens colaboradoras, os encontros sempre se davam em dia, horários e locais sugeridos por elas.

N. de conversas			
1º Conversa	2ª Conversa	3ª Conversa	4ª Conversa
<i>Apresentação da pesquisa</i>	<i>Linha do Tempo.</i>	<i>Papo sobre o futuro.</i>	<i>Apresentação das transcrições</i>

Nos encontros com o tema “Papo sobre o futuro” foram utilizadas as frases do Teste de Complemento de Frases (*The Sentence Completion Test*): *Sacks Sentence Completion Test (SSCT)*. A utilização das frases teve apenas o sentido de motivar as falas das jovens, foi um mais motivador que se mostrou bem sucedido. As respostas que vieram motivadas pelas frases também foram gravadas e devidamente

transcritas. Cabe então ressaltar, que o Teste de Complemento de frases de Sacks & Sacks é um instrumento que segundo Ferreira e Nogueira (2013) surgiu na literatura psicológica como um teste projetivo elaborado por Julian Rotter com o indicativo de significados particulares atribuídos à formas gerais de expressão das pessoas frente às frases. É composto por frases incompletas agrupadas em seis áreas, que por sua vez estão divididos em atitudes incorporadas em um total de 15 vetores com 3 ou 4 frases organizadas nas seguintes categorias: I) Atitude ante a figura materna; II) Atitude ante a figura paterna; III) Atitude ante ao contexto familiar; IV) Atitude ante a figura feminina/masculina; V) Atitude ante à sexualidade; VI) Atitude ante aos amigos e conhecidos; VII) Atitude ante aos superiores no trabalho ou na escola; VIII) Atitude ante as pessoas em cargo inferior; IX) Atitude ante aos colegas de escola ou de trabalho; X) Medos; XI) Sentimentos de Culpa; XII) Atitude ante as próprias habilidades; XIII) Atitude ante ao passado. Trata-se de um instrumento que segundo Sacks & Levy (1950) e González Rey (2005) caracteriza-se de proposição que inicia uma frase, trechos chamados de indutores, que por ser rapidamente complementada pelo respondente com aquilo que considera apropriado no momento.

Esta disposição do indivíduo para suas respostas, na visão dos autores, auxilia na investigação de atitudes e sentimentos inerentes as diversas áreas de suas relações interpessoais, que ao pensarmos a investigação dos sentidos de futuro para as jovens negras da região do Capão Redondo e Jardim Ângela consideramos importantes, uma vez que, no conjunto processual, coaduna-se com os objetivos de nossa investigação, visto que as frases do Teste de Complemento de Frase está para o pressuposto presente nos estudos de Vygotsky (2001) de que os pensamentos se concretizam nas palavras.

Assim, reiteramos que o papel das frases incompletas nesta pesquisa foi diferente do original. Foram utilizadas como instrumento auxiliar no processo de obtenção de sentidos a respeito das relações pessoais das colaboradoras. Havia o intuito de conhecer mais os sentidos de cada uma das jovens em relação aos seus futuros.

Nesta ultima conversa reafirmávamos a nossa disposição de apresentar as transcrições de cada conversa e juntos, pesquisadores e colaboras verificarmos o que seria publicado ou não nesta pesquisa. Assim no quarto encontro, ou

melhor, na quarta conversa apresentávamos para cada jovem as transcrições e comentávamos sobre suas impressões e o que deveria ser mantido de suas falas.

3. Metodologia

Toda a pesquisa se deu pautada com o objetivo de compreendermos os sentidos de futuro para jovens negras residentes na região dos bairros Capão Redondo e Jardim Ângela: periferia da cidade de São Paulo. Utilizamos assim, da proposta investigativa da observação participante. Esta possibilitou a construção de uma estratégia empírica para esta investigação e a interpretação do conhecimento elaborado de acordo com os sentidos reservados para o futuro pelas colaboradoras deste estudo. Consideramos que o método de pesquisa qualitativa com observação participante possibilitou para o processo de produção do conhecimento um caráter interativo com grande relevância na relação entre o pesquisador e suas colaboradoras (pesquisadas) para o desenvolvimento desta pesquisa.

Outro aspecto importante da pesquisa de abordagem qualitativa para este estudo foi que este tipo de investigação valoriza a história de vida daqueles que se

dispõem colaborar como informantes (sujeitos). Através das histórias de vida das jovens negras que tivemos contatos durante todo o processo investigativo tornou-se possível interpretar e compreender os sentidos de futuro e o que estaria influenciando este futuro na visão delas. O relato de cada uma das histórias de vida possibilitou mais uma forma de produção de conhecimento para a criação teórica sobre a realidade que é plurideterminada incerta, não linear, interativa histórica e diferenciada.

Através da participação na vida cotidiana das jovens colaboradoras realizamos o mínimo de quatro conversas: 1º) apresentação da pesquisa como a leitura e assinatura dos termos livre esclarecido; 2º) linha do tempo; 3º) conversa sobre o futuro e frases incompletas de Sacks & Sacks; 4º) apresentação das transcrições, em locais e horários estabelecidos pelas colaboradoras com o intuito de interpretarmos e compararmos as respostas dadas em diferentes momentos e situações dos quatro encontros. É oportuno esclarecer que consideramos cada jovem na sua disponibilidade de agenda e solicitações, o que nos fizeram acrescentar outros encontros, outras conversas complementares as quatro já citadas.

Os materiais utilizados: gravador digital, máquinas fotográficas, filmagens via celular, deram também a este trabalho um molde de Investigação descritiva, visto que as informações sobre a história pessoal e o sentido que as jovens atribuem aos seus futuros foram suscitados em situação natural e complementadas por outras informações proveniente do nosso contato direto, assim como, das transcrições das conversas, notas de campo, fotografias, vídeos.

4. Apresentação das jovens entrevistadas

Os estudos acadêmicos revelam o envolvimento dos pesquisadores com seu objeto de pesquisa, principalmente quando descreve o método e procedimento utilizado. Mas o interessante, porém, é que para cada pesquisador há uma inspiração que varia de três maneiras muito frequentes. Para alguns a força gravitacional de seus estudos vem de uma hipótese. Outros o visgo da inspiração está nas teorias acadêmicas. Contudo, há aqueles pesquisadores, com os quais nos associamos, a fonte inspiradora é uma região e um grupo com sua dinâmica psicossocial e cultural específicas.

Na região do Capão Redondo e Jardim Ângela nos fica a impressão, que a identidade étnica/racial alude à luta por reconhecimento, por direitos dispersos, contra a violência endêmica, a falta de moradia, mas também alavanca a cultura, a espiritualidade e a religião, as alegrias e os desejos na construção prática e subjetiva do futuro. Os sonhos e conquistas suspensos em um tempo ainda por vir, por sua vez, como argamassa, ajuda colar a alvenaria feita da argila escavada da vida (“chão”) base de suas dores, relações sociais, conquistas, esperanças e utopias, que dependendo da medida retraem ou propulsionam os planos de futuro das onze jovens negras que ali encontramos, devidamente permitido por elas, pela Universidade de São Paulo (USP) através do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho.

Desse modo, a região que abrange as subprefeituras do Campo Limpo e M’ Boi Mirim, o que expressa algo em torno de um milhão de habitantes, foi o cadinho do ouro de cada um dos depoimentos. Pela oralidade, a cada palavra, pela força biográfica de onze jovens negras a “quebrada” emergiu neste estudo, como nos argumentos de Peter Spink (2003, p. 22): “não como um lugar específico, mas como a situação atual de um assunto, a justaposição de materialidade e sociabilidade”.

Desse modo, as ambições de investigar o tempo por vir destas jovens, nos possibilitou navegar em meio ao sopro vívido das vidas que dão espírito para aquela região. O foco era estar nos meses de Julho à Outubro de 2013, o mais próximo possível da rotina delas para promover um espaço rico de relação, que permitisse, desse modo,

falarem de futuro. Isto é, falarem de como enxergam e o que esperam do tempo vindouro.

Esta opção de estar com elas e no mundo que elas habitam, conhecer e analisar suas projeções de futuro, não demorou em nos mostrar, que mesmo coisas aparentemente pouco significativas poderiam ajudar na hermenêutica de suas projeções do futuro, que elas significam e dão sentido com os pés bem fincados nas exigências e emergências das contradições que apagam direitos, causam receios, reificam, dividem e fragmentam seres humanos nas periferias e em muitas sociedades do nosso globo.

Para tanto, caminhamos sob os seguintes passos: pessoalmente anunciamos a pesquisa com seus interesses em vários seguimentos sociais do bairro, inclusive pontos de ônibus e a estação do Metrô Capão Redondo. Visitamos algumas Unidades Básicas de Saúde (UBS); igrejas católicas e templos evangélicos; uma casa de Candomblé, saraus; associação de bairros; ONGs; fóruns sociais e uma reunião do conselho de saúde. A ideia era recrutar três jovens e, que cada uma delas também indicasse outras três jovens para colaborarem com a pesquisa. Por meio de indicações de pessoas amigas, abordagens nos lugares públicos citados e, pelas próprias colaboradoras chegamos a 15 jovens. No entanto, 4 delas desistiram durante o processo.

Todas as colaboradoras estão identificadas com nomes fictícios que elas mesmas se deram, com exceção daquelas que nominamos arbitrariamente porque deixaram a pesquisa. Nomeá-las nos pareceu facilitar descrever as razões discriminadas logo a seguir, que as levaram deixar o trabalho.

Samanta (19 anos) foi a primeira jovem a desistir. Indicada por uma catequista e ministra de eucaristia da Igreja Católica. Samanta nos foi apresentada na porta de saída da missa dominical que termina por volta das 20:00 horas. O encontro não passou de 20 minutos, todavia a jovem se mostrou bastante interessada em colaborar. Esclarecemos que ela deveria levar o termo livre esclarecido para casa e ler com calma e, só depois disso assiná-lo. Agendamos um novo encontro ali mesmo nas dependências da igreja para oito dias depois. Contudo, em seis dias ela nos telefonou comunicando sua desistência. Indagada dos porquês de sua saída da pesquisa, ela respondeu que não havia atentado com o devido cuidado, para o fato de que a pesquisa

era para auto declarantes negras ou pardas. Esta exigência a impedia de participar. Explicou dessa maneira:

“A minha pele é um pouquinho escura, sabe? Só que não me declaro negra. Se você me ver de biquíni vai ver as marcas... minha partes claras porque sou branca queimada do sol”.

Por se tratar de uma solicitação via telefone, insistimos em manter o dia marcado de nos encontramos para conversamos melhor. Ela se recusou dizendo que sua agenda estava muito cheia, mas que ligaria quando fosse possível e não ligou até o momento.

Paloma de 18 anos de idade nos foi apresentada por uma arte-educadora de 32 anos de um dos CAPs álcool e Drogas da região. Reunidos no CAPs falamos da pesquisa e da relevância de sua participação. Exatamente como fizemos com todas as jovens que tivemos contato, entregamos o termo livre esclarecido com a recomendação que o levasse para casa e com calma se decidisse em assinar ou não. Ela sorriu demonstrando que havia gostado de não ter que assinar naquela hora. Disse, então, que levaria para casa e consultaria sua mãe e o namorado sobre sua participação. Marcamos assim, de nos reencontramos quinze dias depois porque faria uma viagem com a família. Ela solicitou que suas entrevistas não ocorressem nas dependências do CAPs ou na sua casa, mas que talvez fossem na casa de seu namorado ou de uma grande amiga. Faltando três dias para a data que agendamos ligamos para Paloma que preferiu nos encontrar na casa da arte-educadora que nos havia apresentado. A jovem não apareceu e seu celular deu caixa postal por uma semana. Após este período conseguimos falar com Paloma que comunicou sua desistência alegando que sua mãe e seu namorado não concordaram com sua participação. Ela contou que não apareceu porque teve uma crise de abstinência do crack e da maconha. Ela chorou dizendo que estava sendo consumida pela droga e que tinha medo de ficar louca, uma, em suas palavras: *“walking dead”*, como os que ela via no bairro e pela televisão se referindo a reportagens que havia visto da *“Crackolândia”*. Assumi que por causa da droga estava muito inconstante com

dificuldades para manter compromissos. Não houve condições de retomar o contato com Paloma, mas nos ficou forte que o crack representa uma ameaça para o presente e futuro das jovens.

Maria estava com 24 anos no momento que entramos em contato. Maria é recepcionista contratada por uma empresa para trabalhar em um posto de saúde de atendimento especializado que foi administrado pelo o Estado de São Paulo, mas hoje faz parte da “Rede Hora Certa”, uma espécie de municipalização da saúde pública. Maria nos foi apresentada por outra funcionária, concursada, de 35 anos. Nosso primeiro encontro durou aproximadamente 30 minutos. A jovem chamava atenção pelo tamanho, um metro e oitenta e cinco de altura e um sorriso sempre aceso. Ela disse que o melhor horário para as entrevistas seria depois do expediente. Isto por causa do trânsito intenso da região. Segundo ela, era o melhor horário já que tinha que esperar o trânsito voltar a fluir melhor para não se estressar até chegar à sua casa.

Como combinado, voltamos a nos ver depois de duas semanas. Ela disse ter lido com cuidado o TCLE e que estava disposta assiná-lo. Esse encontro durou uma hora. Falamos sobre a pesquisa em detalhes, destacando os cuidados étnicos. No final desse encontro agendamos o próximo encontro que teria o tema “Linha do Tempo” para uma semana depois. Dois dias antes de completar uma semana, Maria entrou em contato pelo telefone dizendo que não queria mais colaborar na pesquisa porque seus superiores haviam feito, o que ela chamou de “indiretas” que ela interpretou como um manifesto de desaprovação da parte deles. Insistimos que se fosse por isto, trocaríamos de local para as entrevistas. Maria disse que sua agenda era repleta e que o único horário e local era no posto de saúde, mas que já não estava mais disponível. Ela terminou a ligação com a promessa de que se aparecesse outro lugar ela nos ligaria. Pediu por fim que não ligássemos antes dela nos ligar. Maria nunca mais entrou em contato. Em conversa com a moça que nos apresentou Maria, ela nos disse que a desistência se deu porque depois dos encontros que tivemos o pessoal que trabalhava no posto, incluindo médicos, dentistas, fizeram piadinhas dizendo que ela estava sendo um ratinho “preto e pobre do morro” sendo estudado por alguém que só queria ter nota na faculdade e que no fundo está rindo dela. Poderíamos pensar neste caso, que Maria tenha sido vítima de algum tipo de chacota preconceituosa, ao mesmo tempo, pode esconder o fato de que se sentiu exposta ao fazer a entrevista no local de trabalho. Todavia, como esta informação nos

chegou por terceiros, a própria Maria pediu para não ligarmos e, por falta de tempo não investigamos sua veracidade.

Procuramos Mônica (18 anos) por indicação da Preta que já estava participando da pesquisa. Nosso primeiro contado demorou 40 minutos e Mônica mostrou-se muito interessada na pesquisa. Contou nesta ocasião que havia sido demitida porque o gerente a chamou de pretinha burra, então ela retrucou com vários palavrões. Disse que está muito preocupada não só porque havia perdido o emprego, mas porque sem levar dinheiro para casa sua mãe ficava muito “estressada” agredindo com um pedaço de madeira ela e seus irmãos mais novos. Pediu para que nossos encontros fossem na ONG onde a Preta trabalhava para evitar a fúria da mãe. No dia que combinamos, estávamos esperando em uma sala gentilmente cedida pela a coordenadora da ONG. De repente, fomos surpreendidos com a imagem da Mônica que invadiu a sala aos gritos, chorando muito. Percebemos que ela sangrava no rosto, tinha o lábio inferior inchado. Imediatamente oferecemos uma cadeira para ela acomodar-se e em silêncio esperávamos que ela nos contasse o ocorrido. Mônica sem articular bem as palavras, nos relatou que sua mãe havia acabado de agredi-la mostrando hematomas nas duas pernas, disse que fora arrastada pela rua, puxada pelos cabelos e que estava morrendo de vergonha porque isto aconteceu na frente de seus vizinhos. Com a ajuda da coordenadora da ONG e pela solicitação da jovem entramos em contato com o namorado que a levou ao hospital e para a delegacia. Depois desta tarde nunca mais nos encontramos com Mônica. Segundo as pessoas da comunidade, ela agora vive com uma irmã que mora e estuda na USP Leste. Tentamos procurá-la no campus leste da USP, mas nas duas ocasiões que estivemos lá, o apartamento estava sem ninguém. Segundo alguns estudantes elas estão juntas e bem. Mônica fortalece outro tema do presente que impacta o futuro: a violência doméstica.

As palavras de Mandelbaum (2004) são extremamente convenientes no caso de Mônica. “A família pode oferecer-se como um espaço de elaboração diante da violência do real, que impeça os seus membros de sucumbir a ela. Mas, levamos em consideração também que o espaço familiar pode ser plenamente contaminado por essa violência e repetir em seu interior, em todas as situações do cotidiano familiar, a mesma violência executada em seu exterior”.

Parece-nos oportuno lembrar que os instrumentos que utilizamos foram facilitadores para a expressão da vida de cada jovem e do sentido de passado, presente e futuro. Assim, todos os procedimentos foram na perspectiva de estimular a declaração das jovens no dinamismo de alguns “bate papo”, ou melhor, de conversas com o intuito de olharem com mais cuidado para dentro de suas próprias histórias e como essas histórias estão relacionadas a tantas outras que as circundam produzindo os sentidos que elas promovem aos seus futuros.

Para suscitar nas jovens a motivação de relatarem suas histórias com a tranquilidade proveniente de certa confiança, respeito, sem perdemos de vista o tom afetivo, convidamos uma a uma, para contar suas vidas com a possibilidade, se desejassem, de utilizar fotos, desenhos, trechos de livros, objetos, etc. Poderiam encenar os momentos importantes de suas vidas, recitar poesias ou simplesmente contar cada fato que marcou sua existência. O intuito era que as jovens pudessem se sentir bem ao compartilhar suas experiências sob a premissa de que quando o diálogo afetivo se abre, este se torna grande condutor de ideias e de sentidos. Os encontros ocorreram em locais escolhidos pelas jovens e horários de suas preferências.

Assim, nos encontramos com Bia nas dependências de um teatro popular de um dos CEUs da região. Ela nos recebeu atrás do palco, assim que terminou o ensaio da companhia teatral que ela faz parte. Bia, 21 anos, trouxe uma folha de papel manuscrita que lhe serviu de apoio para as memórias de sua história marcada pela força de sua mãe, uma mulher guerreira nas palavras de Bia. Sua mãe faleceu vítima de um atropelamento quando sua filha só tinha 14 anos de idade. Quanto a sua negritude ela assim relata:

Então, é... pra mim eu era tida como branca, porque eu tenho a pele muito clara. Tida como branca. Aí, fui crescendo. Me consideraram parda. Falei: porra, que que eu sou né? E aí, alisava o cabelo, né? Eu alisava o cabelo, nem lembro o porquê eu comecei a alisar o cabelo. Eu tinha o cabelo muito bonito, grandão, cacheado. Ah foi minha mãe, ela começou a alisar meu cabelo. Aí, foi passando o tempo, eu comecei a namorar. Aí, percebi que sei lá, talvez eu ficasse mais bonitinha de cabelo liso. Só que aí, é... de uma hora pra outra, foi quando eu comecei

a vir pros Saraus, né? Só que já tinha tido uma coisa muito forte em relação ao cabelo principalmente que conheci a Preta. Mano eu falo que ela é minha inspiração, né? Porque tudo em relação à política, em relação à negritude, foi ela que abriu meus olhos. Falei assim: Não! Vou parar de alisar, né? Tomava muito do meu tempo, estragava meu cabelo. Poxa. E eu ficava chateada, né? Duas horas fazendo chapinha, me deixava nervosa também. E aí, depois que eu comecei a estudar um pouco da questão política, da questão negra, eu fui me achando no mundo, sabe?

Bia disse que na mesma época que assumiu sua negritude se viu encorajada a conversar com seu pai, pois estava vivendo uma relação homoafetiva. Ela conta:

Eu me apaixonei pela primeira vez. Quando eu tinha quatorze anos. Ela não correspondeu. Sofri um pouquinho. E aí quando eu tinha quinze anos, eu me apaixonei, de novo, por uma menina, pela internet. Só que aí foi muito arrebatador. Foi longe de tudo que eu já tinha vivido. Porque eu gostava demais dessa mulher. Muito, muito, muito! E aí, por causa dela, eu me assumi pra minha família.

Bia não terminou a graduação em Letras e não está estudando formalmente. É atriz, roteirista de teatro e educadora social em uma ONG da região.

Bia: Ó, quando eu digo assim, que depois que eu me assumi negra e quando eu comecei a estudar a questão política muita coisa mudou, porque era assim, eu não gostava da favela, né? É de forma assim, quando me perguntavam: onde você mora? Eu falava: moro em Santo Amaro. Na região de Santo Amaro e não, moro no Capão. Nunca. Nunca foi assim. Até porque, quando eu era menor, era muito violento aqui, né? Eu lembro que tem um bar lá na frente de casa, que toda semana tinha alguém morto lá. Toda semana, era rotineiro sabe? Passar e ter alguém lá, morto. E aí, eu escondia um pouco disso. E aí, quando eu comecei a estudar um pouco dos poetas daqui, né? Quando eu fui ver, falei: porra, o Capão é da hora, meu! Capão é da hora! E.... aí, eu comecei a assumir

mesmo essa questão que eu sou sim da periferia e o que eu faço é para a periferia e com o intuito de descentralizar a arte. Então, essa questão de descentralização, que a gente possa levar o que é nosso para outros lugares, é muito forte. E hoje eu tenho muito orgulho de falar que eu moro aqui, que eu sou periférica mesmo. Meu irmão escutava muito rap quando era mais novo e eu não gostava, porque falava que era música de bandido e tal. E aí, é... uma vez a minha mãe comentou: ‘o que é ser marginal? O que é a Marginal Pinheiros? Pinheiros é uma rua que fica perto do rio. Então, quem tá na margem? Quem tá na margem da sociedade é quem? Somos nós, não somos?’ Então... aí eu falei assim: poxa. Mas realmente todos nós somos marginais. Não são só os caras que estão lá fora roubando. E aí demorou bastante para entender o porquê que a minha mãe falou isso. Demorou bastante, mas hoje é muito forte isso. Eu sou assim marginal, mas que tenta de alguma forma, sabe, mostrar o que tem de bom aqui.

Bia relatou que promove seu amor ao bairro e pela vida através do teatro, que segundo ela, é sua vida. Diz-se inclinada em descentralizar a arte e mostrar um Capão Redondo e um Jardim Ângela com coisas boas. Essas coisas boas perpassam pela produção cultural. A fala de Bia permite-nos reconhecer que mesmo em condições opressivas que produz uma geografia incerta nos espaços da comunidade que nos referimos, nota-se, porém, a insurgência de iniciativas emancipatórias e de resistência. A cultura produzida nas periferias tem a sua especificidade artística, simbólica e sagrada que fazem da “quebrada”, “o pedaço”, a periferia mais que um desenho nas extremidades dos mapas das cidades. Compreendem, por assim dizer, um território de sobrevivência para seus habitantes. Bia brinca dizendo que traz no corpo e na alma os três “pês”: “Preta, Pobre e Periférica” e que por isso tem três grandes motivos de com o teatro mostrar o Capão Redondo de dentro para fora. Acreditamos ser de grande valia este empenho de Bia porque pode nos auxiliar aprimorar a análise de uma região já tão olhada de fora.

Eduarda nos recebeu em uma das salas do mesmo CEU que Bia foi visitada. Eduarda, 21 anos, é a filha mais nova de cinco irmãos. Seus pais estão separados e cada um com um novo companheiro. Finalizou o ensino médio e trabalha

como educadora social voluntária em uma ONG. É atriz de teatro na mesma companhia teatral da Bia. Elas se conheceram nos ensaios de teatro e se apaixonaram. Estão casadas desde 2012.

Eduarda se descreve como uma atriz “maluca”. Diz ela:

Às vezes, eu não penso antes de agir. Que nem: Eu casei agora. Só que eu não tenho emprego. Eu não tô trabalhando. Eu tô só sendo voluntária lá na ONG. Eu não tô trabalhando, eu não tenho uma casa própria. A Bia tem, né? Tem uma casa própria, mas é onde a gente vai se manter estável por alguns tempos. Às vezes, eu faço dívida assim, sem dinheiro pra pagar. Às vezes, eu falo com alguém sem saber o que eu tô falando. É muito louco. Eu sou muito... Muito doida. É como se fosse um vulcão prestes a explodir. É... Tá borbulhando, borbulhando. É como se fosse basalto mesmo, sabe. A rocha basalto. Borbulhando, borbulhando, borbulhando e aí quando explode, ela se solidifica. Aí, vira alguma coisa. Eu só funciono quando eu explodo.

Eduarda vê sua mãe como uma mulher muito batalhadora. Nutre uma grande mágoa de seu pai que hoje mora no Estado de Pernambuco:

Eduarda: Mas tem outra coisa que foi a.... saída do meu pai de dentro de casa. Porque, o rapaz que me fez, que me criou, o esperma que me fez, ele batia muito na minha mãe e, eu era novinha, né? Então não entendia muito dessas coisas, achava que não era normal e tal. E eu fiquei muito, não traumatizada, mas muito pensativa dessas coisas. Tipo: como é que pode. Ele machucou muito a minha mãe, muito. Tanto por fora quanto por dentro. Na alma, no coração e tal. Porque, ele mandava cartas para minha avó materna falando que a minha mãe era vagabunda, que minha mãe não cuidava da gente e tal. E a gente sempre cresceu saudável. Tudo que a minha mãe podia dar pra gente a gente tinha. Não era do bom e do melhor, mas era o

sustentável, era o bom. Era o que ela podia dar mesmo. E ela trabalhava até tarde da noite, de fiscal. Aí, depois ela começou como diarista. Aí, depois ficou como auxiliadora geral lá. E é muito difícil, você ter cinco filhos e ter que criar os cinco sozinho. Estudo, roupa, comida. É tudo. Educação. E o meu pai, ele deixou isso marcado pra mim. Eu acho que minha mãe sofreu demais e ela mereceria uma volta.

A trajetória de Eduarda é marcada pela a violência de seu pai que vitimava sua mãe, pela violência do bairro que recruta seu irmão para o crime e pela homofobia do pai que considera a sua relação homoafetiva como doença, além de ter que conviver com o desconforto de ter ouvido a confissão de tristeza de sua mãe com seu casamento com Bia.

Eduarda: É outra coisa que me marcou e que me deixou muito chateada, que é a questão do meu irmão. É... Ele sempre foi meu companheirinho né? E eu gosto muito dele a ponto de fazer alguma coisa, uma loucura por ele. Aí, ele começou a usar droga de novo. Tava muito difícil conviver com ele. Depois que ele ficou sabendo que... Ele foi a primeira pessoa que ficou sabendo que eu era gay. E ele me apoiou super. Até que... teve uma época que ele tava conversando com a minha mãe, que a minha mãe falou assim que se eu fosse mesmo, ela ia ficar muito revoltada comigo, ia me desconsiderar como filha. Ele falou: não. Não tem que fazer isso. Ela é sua filha. Independente do que ela seja. Ela pode ser até um cachorro, a senhora vai ter que considerar ela do jeito que ela é: sua filha. Aí, ele conversou com ela e tal. Aí, acho que foi por causa disso também que a minha mãe se sensibilizou mais. Aí, depois de um tempo que ele começou a usar mais droga, mais droga. Ele tava começando a traficar... Isso foi pesando mais, sabe? Na nossa convivência. Eu tava brigando com ele direto, direto, direto. Teve dias de eu ficar até três, quatro horas da manhã, acordada pra conversar com ele. Ele falava: não é isso que eu quero. Mas é isso que tá tendo. É isso que eu tô

sendo. E agora não tem como fazer mais nada. Até que chegou o dia dele.... dele brigar, da gente discutir. Aí, ele falou assim: ô, você é machona mesmo. Vamos ver se você é machona com uma quadrada⁶ na sua testa. Até o ponto que ele falou que seria capaz de me matar. Irmão homem, né? E por ele ser um dos mais velhos. Depois que minha irmã mais velha casou, dentro de casa, ele era um dos mais velhos. Isso foi pesando, pesando, pesando na minha consciência. Aí, depois ele... até... chegou o dia que ele foi preso. Aí, eu fiquei muito chateada, muito mal. Aí, tinha vezes de eu chorar com medo de acontecer alguma coisa lá dentro. Porque eu não sei como é o convívio lá dentro.

As preocupações de Eduarda com seu irmão não são desmedidas. Os estudos de Zappe e Garcia Dias (2011) confirmam um grande “envolvimento” a partir da adolescência de jovens com a violência, tanto como vítimas quanto como autores de atos violentos. Porém ainda que seja possível verificar grande número de jovens nesta situação, para as autoras é incorreto afirmar que haja um aumento da criminalidade juvenil, exatamente porque os jovens são, em números, muito mais vítimas do que autores, não importa a expressão de violência que se pretenda ressaltar. Zappe e Garcia Dias (2011) fazem a seguinte referência:

[...] é sobre as condições e as circunstâncias da escassez de oportunidades e perspectivas – sobretudo no caso da juventude bombardeada pelos apelos de consumo e pela falta de reconhecimento e de chances sociais – que se constrói o crescimento das taxas de criminalidade e das consequências da violência, particularmente, nas regiões metropolitanas. (Zappe & Garcia Dias, 2011, p. 221 apud Brasil, 2005, p. 11).

⁶ Gíria utilizada nas periferias se referindo a arma semiautomática, uma pistola semiautomática. Está relacionada à forma “quadrada” da pistola.

As autoras citadas, ainda que seus estudos focalizem adolescentes em regime fechado, nos ajudam a compreender o que provoca o choro de preocupação da jovem Eduarda com seu irmão, porque as autoras trazem um perfeito panorama das instituições com a missão de internação em estabelecimento educacional antes dos dezoito anos, ou penitenciário como no caso do irmão de Eduarda considerado maior de idade. A privação de liberdade, tanto no caso educacional quanto no caso presidiário, nos atuais modelos trazem ao detento uma experiência de institucionalização tendenciosa para ser mais prejudicial que benéfica, pois promove uma repetição justamente das experiências que contribuíram para a prática de atos infracionais com risco iminente de violação sexual e morte.

Outro aspecto importante, segundo Zappe & Garcia Dias (2011) que envolve o jovem institucionalizado é a estigmatização. Isto porque para a maioria das pessoas da comunidade a infração está relacionada ao desvio moral impulsionado por um sistema de valores que permeia as instituições de privação de liberdade, isto é, um sistema de valores imperante dentro da maioria, senão todas, instituições de privação de liberdade. Este sistema de valores têm como base a vida do crime, o que induz à instituição um traço mais criminoso do que o sistema do ambiente externo, considerando, pois, que todos os internos que lá estão cometeram algum ato infracional, constrói-se uma cultura interna da instituição que acaba por reforçar os valores e habilidades ligados à criminalidade, o que se constitui, de fato, um obstáculo para a reconstrução dos projetos de vida destes adolescentes e jovens.

Após ter exposto sua preocupação com seu irmão, Eduarda retoma o sorriso e por varias vezes repete até o fim de nosso encontro daquele dia, que o teatro a tirou da alienação, porque depois do teatro os sofrimentos de sua vida, ela vive como fosse um personagem, um papel da vida real.

Naninha nos convidou para ouvi-la em uma das salas da paróquia católica que ela frequenta desde criança. Naninha, 24 anos, é casada com um homem que tem o dobro de sua idade. O casal tem uma filha de cinco anos. Em um pedaço de papel onde ela fez vários desenhos representando seus familiares ela desenhou seu pai e seu irmão distantes. Ela relatou que a vida toda brigou com seu irmão ao ponto de se agredirem fisicamente, mas quando ele morreu em um acidente de moto, ela teve que reconhecer o

corpo dele ainda estendido na avenida em que se acidentou e no IML, ela descobriu que o amava e hoje sente muita sua falta. Contou que cresceu com o sofrimento da distância do pai que foi preso quando ela ainda era uma criança com sete anos. Disse que doem muito as lembranças dos momentos de visitas ao pai no presídio. Aos dez anos pediu para sua mãe que não a levasse mais para visitar o pai. Sua mãe casou com outro homem com quem Naninha nutre algumas desavenças. A mãe de Naninha depois de se casar novamente também parou de visitar o ex-marido. Seu pai está em liberdade, mas ela disse que agora seu sofrimento é de outra ordem, porque já não o reconhece como pai e que sofre mais ainda quando ele cobra este amor de filha.

Ela relatou que sua vida não foi fácil e que se envolveu no início da adolescência com gente que ela chamou de “meninos do movimento”⁷. Segundo ela, esses meninos gostavam muito dela e não pedia para ela entrar nas “fitas”⁸, só gostavam de conversar com ela. De tudo que relatou, ela deteve-se mais nos tempos de escola:

Naninha: Fui meio baderneira na escola porque é normal, né? É época de rebeldia, a gente é meio baderneiro. Teve uma época que eu me revoltei contra uma professora lá na escola. Ela... ela, eu sentia que o tratamento que ela me dava era diferente porque ela era preconceituosa, a professora. Eu era a única aluna que tirava as melhores notas na sala e ela não admitia aquilo. Pra ela tava errado. Não tinha que ser daquela forma. Aí, foi quando eu bati de frente com ela. Ela tava explicando a matéria e, eu sempre fui assim, né? Na hora que a professora tava explicando, eu prestava atenção, captei a mensagem, vamo embora! E eu só levantei... fiz um questionamento pra ela e ela não aceitou o questionamento que eu fiz e ela pegou e...ela olhou pra minha cara e falou assim: eu não tô explicando? Você parece que você é burra. Ah, aquilo pra mim foi a gota d'água. Falei pra ela: não tem problema não, não se preocupa não. A partir de hoje na sua

⁷ Na gíria significa jovens ligados ao crime ou atividades ilícitas.

⁸ Gíria que quer dizer entre os jovens da periferia “crime” entrar numa fita, por exemplo, significa cometer um roubo ou algo assim.

aula não entro mais. Aí foi que eu conversei com o diretor, eu subi até a sala do diretor, conversei com ele, falei: ela é preconceituosa, ela é isso, isso e isso. Expliquei tudo e falei pra ele: a partir de hoje, na aula dela eu não vou mais entrar. Eu posso. Eu não vou ter presença na aula dela. Mas trabalho, prova, tudo isso eu vou fazer. Você pega a prova, eu faço aqui na sua sala e você entrega pra ela, mas na aula dela eu não vou entrar mais não. Aí, eu fiz esse acordo com ele e mantive o ano todo letivo dessa forma, sem entrar na aula dela. E o que matava ela do coração, é que eu não pegava explicação dela, nenhuma. Eu só pegava matéria das meninas da sala, copiava. Quando chegava trabalho e prova, eu sempre tirava nota azul e o resto do pessoal que tava na sala não.

Na história de Naninha e como veremos nos depoimentos de outras jovens da pesquisa, a escola aparece como um problema, não só em relação ao comportamento de indisciplina confessado por elas, mas sobretudo, como produtora de traumas psicológicos proveniente de racismo. Matos (2006) aponta que há alguns pressupostos que auxiliam na compreensão das relações étnico/raciais e da maneira que são vivenciadas na nação brasileira contemporânea. Para a autora discriminação racial abafa o negro num casulo depreciativo e de inferiorização. Neste sentido, Nilma Lino Gomes em um artigo de 2012, argumenta que se consideramos as especificidades que compõem a diversidade cultural e os caminhos que precisam ser trilhados para a construção do diálogo e para a garantia da cidadania a todos, independentemente das diferenças, não se pode deixar de fora a escola. Para a autora a escola precisa compreender que a racionalidade científica é importante para os processos formativos e informativos, porém, ela não modifica por si só o imaginário e as representações coletivas negativas que se construíram sobre a população negra em nossa sociedade. A mesma autora cita Munanga (1999) em defesa de seu argumento de que a educação escolar, embora não possa resolver sozinha todas essas questões, ocupa um lugar de destaque, assim como a psicologia social e a psicologia escolar.

Naninha é educadora social e está no primeiro período de Serviço Social em um curso a distância de uma universidade particular. A opção pelo curso a distância

se dá porque sobra mais tempo de viver com sua filha que sai muito cedo de casa para a creche e volta no final da tarde. Segundo Naninha se estudasse a noite em uma faculdade qualquer quando chegasse tarde da noite sua filha estaria dormindo.

Andressa nos recebeu em uma sala da ONG em que sua mãe trabalha no bairro do Jardim Ângela. Andressa estava com 16 anos quando aceitou participar da pesquisa, por isso, sua mãe, pedagoga e militante social de quarenta anos, assinou o termo livre esclarecido consentido que sua filha fizesse parte da pesquisa, além do termo livre esclarecido que Andressa assinou. Ela é a penúltima filha de uma pedagoga e um técnico de laboratório. Andressa tem, portanto, dois irmãos de ambos os sexos mais velhos e um irmãozinho com apenas dois anos. Ela conta sorrindo que já nasceu na aventura, porque quando a bolsa, isto é, quando houve a ruptura da membrana que represava o líquido amniótico de sua mãe, um vizinho teve que socorrê-la e a levou para o hospital em uma motocicleta. Manuseando as fotos de quando era criança disse que nunca foi planejada, mas que seu nascimento foi uma grande felicidade para seus pais.

Passando as fotos como quem procura uma em especial, Andressa relatou que os melhores momentos de sua vida foram aos oito anos de idade, porque pode sair de casa para ir brincar na rua com seus irmãos mais velhos. Ela disse que adorava descer sua rua dirigindo um carrinho de rolimãs. Disse que o início da adolescência foi muito ruim na escola porque sua mãe sempre era convidada a se reunir com os professores ou diretores por causa das advertências e bilhetinhos que levava para seus pais assinarem. Ela relata:

Andressa: Ah eu dava muito trabalho na escola antiga. Era uma reclamação atrás da outra. Aí eu entrei em uma nova escola e comecei a jogar futebol de verdade nesta escola. Até hoje eu jogo futebol. Eu só jogo futebol com meninos porque eu odeio jogar futebol com as meninas. E..., mas os meninos da escola são muito machistas. Só que nem todos. Tipo assim, a minha turma que eu convivo faz tempo, eles sabem que eu jogo futebol e não tem preconceito nenhum comigo não, né? Aí, vem outras pessoas querer jogar com a gente, ai fica querendo zuar: 'Ah, não sabe jogar futebol' e, dão risadas. Às vezes a gente vai jogar, ai esses

*caras dizem: ‘não vai jogar ela é menina, tira logo ela do jogo!’
Aí tipo, os meninos da minha turma fala pra eles: ‘ta doido meu?
Ela vai jogar sim senhor. Ela é igual a todo mundo, então vai
todo mundo jogar, se você quiser você sair e ela entra, mas ela
não vai sair não. Ela vai jogar sim’. Tipo, eu sempre sou a
prioridade lá na escola. Têm muitas meninas na escola que jogam
futebol, mas a prioridade sempre foi eu porque eu jogo né? Não
sei se jogo bem e tal, mas sempre sou a primeira a ser chamada
(risos). Aí até hoje eu jogo com os meninos da minha escola
porque minha mãe não deixa eu sair. Tipo pra jogar fora, porque
ela acha perigoso. Não tem lugar apropriado, todos os lugares
perto de casa tem, tipo, uma boca dentro da quadra: boca de
fumo. Então minha mãe não deixa mesmo. Ela acha perigoso
porque pode rolar um tiroteio, tipo, assim policial bater na gente
porque vai achar que eu tava fazendo coisa errada. Então eu não
saio. Eu penso em continuar jogando, mas como profissional não
porque aqui no Brasil eles não dão prioridade para as meninas
que jogam futebol. Sem contar o preconceito porque todo mundo
pensa que menina que joga bola é sapatão. Ah e por falar em
preconceito, nossa mano, me dá uma raiva na escola quando
umas meninas dizem que eu não posso andar com elas porque sou
negra. Na escola, na primeira série as pessoas falavam que não
ia me emprestar o lápis. ‘Diziam minha mãe não deixa’. Agora
que eu cresci na escola não é tanto, mas na rua sempre rola
dessas. Sou seguida nos supermercados sempre. Esses dias fui
barrada no Atacadão, foi no dia do protesto eu tava com um
pessoal e todo mundo encarando eu. Todo mundo atrás de mim é
foda viu. Outro dia entrei na loja com minha mãe o segurança
veio até mim como se eu fosse roubar, minha mãe viu e saímos da
loja e até hoje nem eu nem ela entra mais naquela loja.*

Andressa suscita aqui temas importantes para os jovens de modo geral:
as drogas e a segurança pública. Esses temas são muito extensos para discutirmos neste

trabalho, mas acreditamos ser importante, visto que aparecem como barreiras de mobilidade e diversão para Andressa. Fica fácil compreender a dedicação desta jovem ao movimento social que visa melhor mobilidade da população periférica. Andressa se despediu neste dia dizendo que precisava correr para uma reunião com um grupo de jovens que estavam preparando uma manifestação com as bandeiras da mobilidade e segurança pública nos portões da estação de metrô Capão Redondo.

Dandara, 24 anos, é graduada em Letras por uma universidade particular com a tese de conclusão de curso discutindo a tradição oral. Trabalha como professora de português em duas escolas, uma particular e outra pública no bairro do Grajaú, região periférica do município de São Paulo. Ela demonstrou-se preocupada com a estética da mulher negra. Ela já no início explica porque gostaria de ser chamada na pesquisa de Dandara.

Quero ser chamada de Dandara. Dizem..., dizem que Dandara é uma rainha africana né? Que é mulher bonita! Dizem que é o que significa, uma mulher bonita não é? É... e que já foi uma rainha, enfim. A mulher do zumbi dos palmares.

Nosso encontro se deu no apartamento de uma amiga de infância de Dandara. Seus pais têm formação universitária o que possibilitou criar seus filhos em um apartamento próprio. Dandara e seu único irmão sempre estudaram em escolas particulares. Insistiu em nos contar, que diferente dela e de seu irmão, seus pais tiveram uma infância muito difícil em termos materiais.

Dandara: É... então não, primeiro assim, eu..., meus pais são negros também, meu avô de parte da minha mãe é da Bahia, é baiano. E da parte do meu pai, a gente não sabe porque meu pai é adotivo. Né? Então, mas ele foi criado por uma família negra, que adotou ele de Minas, então já tem isso. A minha mãe, ela foi abandonada pela mãe dela com 13 anos, a mãe dela saiu de casa e deixou cinco filhos, né? Já te contei mais ou menos a história do meu pai. E então ela levou isso muito forte pra vida dela. Da mulher negra ter que ser forte, ter que lutar e porque ela foi

assim, porque ela chegou a ser menina de rua com os irmãos, e então ela teve uma questão de resistência muito forte desde de criança. E a gente tanto faz eu como meu irmão, a gente sempre teve isso no nosso imaginário. E meu pai desde criança sempre contou histórias dos negros que se deram bem, de pessoas que se deram bem. Sempre falou: ‘nossa tá vendo como fulano é bonita, ta vendo lá a filha do cicrano Dandara?’ Porém eu estudei em escola particular quando criança, e eu era uma das únicas negras assim! Desde criança, e logo, eu lembro de uma cena que foi muito forte pra mim, que é a questão do cabelo, que foi era uma fase de Sandy e Junior e eu achava lindo, tanto a Sandy e Junior tanto a Xuxa achava elas assim, incríveis (risos). Aí eu inventei o que? Eu inventei de deixar meu cabelo como o da Sandy porque todas as minhas amigas tinham o cabelo como o da Sandy, por mais que meu pai falasse, por mais que em casa tinha uma história, eu queria o meu cabelo da..., como o da Sandy. Então eu peguei uma escova, tentei é..., tentei alisar o meu cabelo, porém, acabou que a escova, ela se prendeu no meu cabelo. O meu cabelo então..., meu pai teve que raspar todinho depois. E foi um trauma pra mim, mais foi um trauma bom (risos). Por que? Porque... eu tinha muitos apelidos: ‘Joãozinho’, não sei o que; nana, nana, nana. Sofri bastante, porque foi uma coisa muito, muito forte né? Porque imagina uma criança de sete anos, com toda essa, essa questão assim? Depois disso eu comecei, eu tive que criar uma coisa dentro de mim. Assim, ‘eu vou ter que aceitar meu cabelo’. Porque eu tinha que ficar com aquele cabelo um monte de tempo daquele jeito raspado. Aí, eu fui aceitando.

Dandara relatou que sofreu muito em um relacionamento com um homem negro dez anos mais velho que ela. Ele a deixava muito insegura na relação porque era muito inconstante alegando que passava por inúmeros problemas sem esclarecer quais eram estes problemas. Esta situação junto com o fato de ser, em suas palavras, muito novinha tornou o namoro inviável. Na época de nossos encontros estava

namorando novamente, agora com um rapaz branco da sua idade. Dandara se declarou feliz com este namorado, mas se manifestou um pouco preocupada pelo fato de frequentar espaços de cultura negra, visto que seu atual namorado é branco, isto na visão dela, causava certo desconforto nestes lugares porque as pessoas acham que preto tem que namorar gente preta. Dandara além das muitas aulas como professora de português em escolas públicas da periferia se dedica ao Jongo e outras manifestações culturais de origem africana que tem a música e a dança como maior expressão.

Dandara indicou para a pesquisa, nas palavras dela, “uma de suas melhores amigas”, que se denominou Madalena.

Madalena, 29 anos, concluiu o ensino médio em um supletivo popular. Conta que nunca foi voltada aos estudos. Atribui sua dificuldade nos estudos, principalmente porque nos primeiros anos escolares sofreu muito com piadinhas racistas dos coleguinhas. Interessou-se em voltar a estudar quando entrou no movimento Hip-Hop. Nesse movimento, ela conheceu e namorou um jovem *rapper*, que segundo Madalena, foi quem a recolou no estudo formal. Outro incentivo veio de um grupo de jovens negros estudantes de graduação na USP, espalhados pelos cursos de humanas. Estes jovens negros reuniam outros jovens que queriam ingressar em uma universidade pública ou simplesmente refletir sobre a temática étnico/racial.

Madalena no período que ficou na escola se destacou muito jogando Handebol ao ponto de sua professora de educação física propor ajudá-la a tornar-se jogadora federada para que pudesse lançar-se ao profissionalismo no esporte. Mas por não se sentir bem em outros espaços da escola além da quadra de esportes e estar crescendo, precisando de coisas que ela chamou de básicas como desodorantes, absorventes femininos, ela resolveu deixar a escola e o sonho de continuar jogando Handebol para trabalhar, como ela mesmo conta:

Madalena: Aí quando eu tinha 13 anos, como eu venho de uma família muito pobre. Meu... eu era uma pessoa muito difícil! Eu resolvi que eu ia sair da escola e ia trabalhar com 13 anos. Mas o que que uma menina de 13 anos...? Então o que que uma menina de 13 anos faz saindo da escola, ainda por cima, fui trabalhar como babá. Como eu falei, o meu pai achava assim que você não

precisa de absorvente, pra quê essas coisas, sabe assim? Pra quê que você precisa de perfume ou desodorante, essas coisas básicas meu pai achava que não tinha necessidade, então se eu quisesse essas coisas eu tinha que trabalhar. Só que aí eu trabalhava e não ganhava um salário porque não era uma coisa formal, mas era o dinheiro que me ajudava a ter as minhas coisas e ajudar um pouquinho em casa, mas aí eu fiquei nessa. Saí da escola e cuidava de uma criança aqui, outra ali. Daí meu primeiro salário mesmo foi como empregada doméstica, daí eu cuidava das crianças e fazia o serviço doméstico. Fiquei um tempão nessa vida. Eu odiava, odiava e estava ali só pelo dinheiro, só que ao mesmo tempo eu não queria estudar porque a escola pra mim não era um lugar bom.

Este encontro foi pautado por muita emoção. Teve a duração de três horas porque a jovem chorava muito. Madalena foi de tal forma assinalada pela comoção que nos envolveu a todos: pesquisador e colaboradora. As lágrimas da jovem ali à nossa frente, eram sentidas com tamanha angústia que no intuito apressado de protegê-la, mas principalmente proteger a nós mesmos, repetidamente insistíamos que poderíamos interromper a conversa e retomá-la em outro momento, mas Madalena se manifestava contrário a ter que parar seu depoimento. Ela insistia que queria continuar falando. Assim, momentos de fortes emoções se sucederam em toda a entrevista, mas consideramos mais contundente quando Madalena relata um acidente na infância.

Madalena: Mas assim, tem uma coisa que aconteceu comigo quando eu tinha 12 ou 13 anos de idade eu sofri um acidente, eu fui atropelada por uma bicicleta. A pessoa conseguiu ser atropelada por uma bicicleta. E foi um impacto feio, foi tão feio que eu quebrei três dentes da frente, os três. E como eu falei pra você o meu pai tinha aquela coisa de ser uma pessoa muito acomodada de achar: ah, não, vamo trabalhar e comer tá bom. Porque assim, na hora do acidente eu não vi que eu tinha quebrado os dentes, a minha boca ficou muito inchada, eu tenho até uma cicatriz. Não vi na hora, só fui ver quando eu cheguei em

casa porque eu tava vindo da casa do meu avô na época e aí só vi quando cheguei em casa. E aí eu fui, minha mãe me levou no dentista, no público mesmo, pra ver se não tinha machucado nenhum osso ou alguma coisa assim, mas foi só isso e meus pais não fizeram nada quanto a eu ter perdido os dentes. E eu fiquei assim até os 15 anos de idade, e você imagina uma menina negra, pobre e ainda sem os dentes na escola, adolescente, cara isso foi foda.

Pesquisador: Imagino.

Madalena: Isso me afetou durante muito tempo, eu não falava, não falava. Tipo assim eu saía, ia pras baladas e tal, mas assim eu não falava com ninguém, eu era mudinha porque eu tinha vergonha, né? Óbvio, tinha vergonha. E aí você já tem aquela coisa da adolescência e não fica com ninguém porque você é preta e ainda sem a dentição piorou a situação, então isso foi muito...

Pesquisador: Forte pra você.

Aqui fica claro a nossa dificuldade diante da situação da jovem e nossa inexperiência quando não deixamos que Madalena termine sua frase e completamos qualificando o sentimento que ela vivia como “forte”. Então ela querendo continuar falando e responde:

Madalena: Muito (forte). Calma eu...

Pesquisador: Tranquilo.

Madalena: Peraí deixa eu respirar. (Pausa)

Pesquisadores: Fica tranquila. (Pausa) Você tem todo o tempo, pode ficar tranquila.

Madalena: (choro)

Mais uma vez insistimos: Se você quiser parar, a gente começa uma outra hora.

Madalena: *Eu só não queria chorar na sua frente. Peraí, tô quase.*

Pesquisador: Tô esperando. Tranquila.

Madalena: *Aí, que vergonha de chorar na sua frente.*

Pesquisador: Tudo bem, de boa. Não precisa ficar com vergonha, a gente já sabia que isso podia acontecer. Pode deixar vir, tranquilo.

Madalena: *Aí, olha pra lá. (Risos). Não, pode ficar de boa. Vai passar. Aí Jesus. (Risos) Para de olhar pra mim.*

Pesquisador: Tudo bem.

Madalena: *Peraí, aí meu Deus gente que vergonha. Acho que passou. Então, vamo ver se eu consigo falar de novo. Então foi isso, eu fiquei todo esse tempo, já tinha a autoestima abalada por conta da questão racial e isso aí só piorou.(pausa) Peraí. Tô engolindo, peraí.*

Pesquisador: Se quiser a gente para a entrevista e faz outro dia.

Madalena: *Calma aí, a gente vai fazer hoje. Eu vou terminar. Então foi isso, eu só consegui ir no dentista, eu fiquei assim até os 20. Aí só depois realmente, quando comecei a trabalhar em dois lugares aí tinha um salário melhor e tal. Aí uma das mulheres que eu trabalhava ela me ajudou, me levou no dentista que era bem caro, que jamais eu iria conseguir se ela não tivesse me ajudado. Mesmo assim eu que paguei tudo, tipo o dinheiro que eu recebia em um lugar ficava pra mim pra ajudar em casa e o que eu recebia nesse lugar era só pra pagar o dentista.*

Madalena ainda se sente ressentida pelos anos que não pode corrigir os dentes danificados no acidente. Ressente-se por ter deixado a escola aos treze anos de idade porque alguns de seus colegas faziam brincadeiras depreciativas e riam de seus

cabelos. Ela considerava que precisava trabalhar para poder comprar produtos de higiene pessoal porque o pai priorizava a compra de “arroz e feijão” para usar uma frase dela.

O que nos chama atenção em alguns trechos do relato de Madalena se repete nas vozes de outras jovens entrevistadas. Madalena e Dandara e outras jovens colaboradoras desta pesquisa, como veremos mais abaixo, possuem relatos parecidos em relação a depreciação vinda dos coleguinhas da escola. É importante ressaltar que as duas amigas Madalena e Dandara provem de famílias com realidades econômicas e financeiras distintas. Uma se alfabetizou em escola pública, enquanto que a outra, em escola particular. A semelhança traumática provocada por piadas depreciativas dos coleguinhas de escola nas duas jovens em locais socioeconômicos distintos nos exigem maior reflexão. As jovens, repetimos, possuem diferenças econômicas nas suas histórias de vida, contudo são semelhantes na pele. Para Guimarães (2005) um ponto que deve ser considerado em relação as dificuldades de se refletir e promover políticas contra o racismo é a crença, bem difundida, de que no Brasil não temos problemas de discriminação raciais, mas de ordem socioeconômica, portanto, basta atacar a pobreza de modo geral que se resolveria o problema dos negros e dos índios. Sem contar que vemos piadas feitas depreciando as mulheres negras todas as semanas em programas humorísticos na televisão aberta com alcance nacional.

Há o consenso de que existe no Brasil o racismo, porém, sem ser declarado oficialmente, o racismo verde amarelo se reproduz entre uma cidadania definida com amplas garantias de direitos formais e outra cidadania, que de modo geral, é ignorada e estruturalmente limitada pela pobreza e pela violência cotidiana. O racismo se perpetua por meio de restrições fatuais da cidadania, por meio da imposição de distâncias sociais criadas por diferenças enormes de renda, educação (Guimarães, 2005). Madalena interrompe seus estudos aos treze anos de idade para cuidar de outras crianças por causa do dinheiro que ganhava, porém, o dinheiro que ela recebia não foi suficiente para o tratamento dentário que esperou até completar vinte anos de idade e, mesmo assim trabalhando em dois empregos.

Galeão-Silva (2007) a partir de uma pesquisa com universitários entre 20 e 25 anos de ambos os sexos verificou a correlação da tendência latente ao

preconceito sutil e a tendência ao fascismo com adesão à ideologia racista contemporânea. Em sua análise, o preconceito sutil, adaptado ao capitalismo administrado com a capacidade de ocultar o conflito e revelar a apatia com as injustiças, conservadorismo e negação de afeto positivo.

Acreditamos que esta capacidade de ocultar o conflito e revelar a apatia com as injustiças, conservadorismo e negação de afeto positivo tem correspondência no que Cida Bento (2002) denuncia como “Pacto Narcísico”. “Neste processo há uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (p. 28). As desigualdades entre negros e brancos provoca a desvantagem dos negros enquanto os brancos, nem ao menos, se sentem parte disto, como se esta degradação fosse natural.

Neste sentido argumenta Lia Shucman (2010):

A luta contra as desigualdades raciais e os processos discriminatórios não é um movimento simples, porque dependendo do contexto e do jogo político em que se inserem, podem ser resignificados para legitimar processos de situação de exclusão (p.51).

Contudo a amizade das duas jovens deixa claro que a desigualdade em que vivem os negros, também tem um viés econômico. Dandara se vê obrigada a raspar os cabelos queimados por uma escova de alisamento. Por sua vez, Madalena se viu, por falta de dinheiro e orientação, permanecer sem os dentes da frente da infância até quase a vida adulta. Pode-se dizer que Madalena viveu envergonhada toda a sua adolescência. “Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Além disso, mesmo que seja atribuída à questão social, a pobreza tem cor” (Bento, 2002, p. 27).

Madalena vive sozinha em uma casa alugada que paga com a dança. Além da dança ela é extremamente ativa dentro dos movimentos culturais da região e uma grande pesquisadora fora da academia sobre a cultura e a história e a influência da África negra no Brasil. Ela diz com muita convicção que não é brasileira, mas uma africana que nasceu nesta invenção que chamamos de Brasil.

Thais, 28 anos, escolheu este nome para a pesquisa, não só em homenagem a atriz negra Thais de Araújo, mas porque, segundo ela, todas as pessoas dizem que são muito parecidas fisicamente. Thais: *Porque acho a atriz muito bonita e as meninas dizem que eu me pareço muito com ela.*

Thais é mãe de uma filha de sete anos que sustenta como agente de saúde. Entre outras coisas, visita as famílias da região para verificar se está tudo bem ou se alguém precisa de apoio médico. Na época de nossos encontros estava terminando um curso técnico em farmácia. Thais se demonstrou muito tímida. Timidez que pareceu se elevar ao cubo depois que ela autorizou que ligássemos o gravador. Contudo, falou da evolução material de sua família ao longo dos anos de residência no bairro.

Thais: Só lembro mais quando eu me mudei pra casa atual que eu estou morando agora. Que já era uma casa própria. Sim, já era a casa própria que meu pai mudou. Eu lembro um pouco que quando o meu pai comprou era de madeira, lembro que eu e meu irmão dividíamos uma cama de solteiro. Daí depois foi construindo que ele colocou de tijolo e alvenaria. Essas coisas assim que agora está mais difícil, a rua era mais legal tinha poucos carros, não tinha tanto ônibus que tem agora, a gente brincava mais na rua. Agora não, agora é bem difícil.

Thais se reconhece negra, se diz consciente do preconceito contra os negros, mas considera que este preconceito não vem pela cor da pele, mas sim da condição social dos negros que por sua própria culpa vivem acomodados sem fazer nada, sentados nas calçadas do bairro vendo a vida passar. Diz ela:

Thais: Olha, acho que com o tempo, passando a idade você vai descobrindo a sua origem, ser negro, essas coisas. Mas antes não ligava pra essas coisas entendeu, pra mim era normal.

Pesquisador: E quando você descobriu assim, teve uma...

Thais: *Dificuldade?*

Pesquisador: É, dificuldade. Mudou alguma coisa na sua vida? Você passou a perceber outras coisas que você não percebia?

Thais: *Eu acho que não mudou muito não. Não teve tanta mudança assim não. Assim, quando eu vou pra emprego essas coisas, nesse sentido que você está falando? Pra mim me descobrir negra não significou nada não, e nunca senti em nenhum momento diferença não. Na época de criança a gente nem liga né? Mas acho que assim um pouquinho mais na época de creche. Né? Você percebe que as pessoas te tratavam um pouquinho diferente. Ah na creche eu me lembro que não foi muito bom pra mim não. Porque assim eles..., sei lá, as meninas meio que te humilhava essas coisas. Não foi muito legal. Assim, eu acho que tem preconceito, assim.... eu nunca presenciei falando mal das pessoas negras. Mas o preconceito de ser morador de favela, de bairro, de zona sul, essas coisas, tem esse negócio.*

Pesquisador: Você caminha pelas casas como agente de saúde né? Você vê alguma diferença material entre brancos e negros? Os negros são mais pobres ou não...?

Thais: *Não. A parte que eu faço eu acho que eles (negros) são assim uma boa vida, não vejo preconceito não. Só assim, agora que algumas mulheres têm muitos filhos. Mas é sempre tudo na mesma medida realmente. Mas eu acho que não é pobre é relaxado. Porque tem oportunidades entendeu? Só que eles não querem procurar. Principalmente os jovens negros, assim, eu acho que eles têm um certo relaxo. Eu acho, assim..., que elas acabam tendo filhos e não se preocupam em trabalhar para conseguir uma coisa melhor para os filhos e..., assim deixa a vida levar como se diz. Mas eu acho que elas deveriam trabalhar nem que seja qualquer outro lugar pra poder ajudar os filhos que as vezes ficam uns adolescentes todos largados, essas coisas. Aqui na área que eu faço não tenho preconceito de ser negra, essas coisas não. Assim, ao meu ver, do meu ponto de vista nunca.*

Thais indicou uma colega de trabalho de 21 anos que preferiu ser chamada de Isabel. Esse nome ela escolheu porque é o nome que ela pensa para sua futura filha caso, como disse, encontre o homem da sua vida.

Pesquisador: E aí? Por que esse nome? Isabel?

Isabel: *Ah, acho bonito. Quero colocar na (hipotético) minha filha.*

Pesquisador: Ah, quando você tiver uma filha, vai se chamar Isabel?

Isabel: *Vai chamar Isabel. Ia se chamar o meu nome verdadeiro, meu apelido, do meu nome. Todo mundo fala que louca, mas é uma vontade. Mas eu acho Isabel bonito também. Então se meu marido (hipotético) contestar a primeira opção, tem Isabel pra colocar.*

Isabel mora com sua mãe e o companheiro atual de sua mãe, além de sua irmãzinha, filha do casal, com dois anos. Mora também com seu irmão de dez anos fruto de um relacionamento anterior de sua genitora. Isabel é filha de uma mulher branca de olhos claros com um homem negro que ela nunca conheceu. Sem detalhes de como foi o relacionamento entre sua mãe e seu pai biológico, porque sua mãe se recusa a falar no assunto, Isabel passou a vida toda achando que seu pai havia abandonado sua mãe quando soube que ela estava grávida e nunca mais teria dado notícias. Contudo as vésperas de nossos encontros, por insistência da jovem, sua mãe contou que quem saiu de casa e nunca mais deu notícias foi a própria genitora e não o pai como ela cresceu achando.

Segundo Isabel: *Quando, antes quando eu era pequena, eu cresci assim, achando assim, que minha mãe falou pro meu pai que tava grávida e aí meu pai pra fugir da responsabilidade disse que não era dela e ela ficou brava, que a minha mãe é uma mulher muito brava. Aí ele falou que não era dele e foi embora. Aí minha mãe até hoje nunca mais procurou ele. E aí recente, minha mãe falando dessas coisas e minha mãe falou assim que não foi essa história. Que na verdade quem fugiu, quem foi, foi ela. Foi quem fugiu dele porque ele era um atraso de vida, ela descobriu que ele*

não era bem assim, assado. E não queria contato com ele, né? Assim. Então ela que sumiu né? Ai tá, mas assim eu num....eu já tive algumas curiosidades de querer conhecer meu pai, mas eu me sinto tão bem assim só com a minha mãe. Então não tenho vontade não.

Isabel ao mesmo tempo em que sente vontade de conhecer o pai, se sente desmotivada para não magoar sua mãe que “deu a vida por ela”. Orgulha-se por ter terminado contabilidade em um curso técnico na Escola Técnica do Governo de São Paulo (ETC).

Isabel: Cresci numa casa bem humilde, era numa viela, com um monte de gente, um monte de morador. Era uma viela sossegada. Hoje eu até trabalho passando na casa dessas pessoas, tá bem diferente agora. E a nossa casa era bem humilde assim e tinha um barranco atrás, né, da casa. E esse barranco já caiu por duas vezes quebrando a casa. E a gente continuou lá, firme e forte. Não soterrou tudo. Como era dois cômodos, soterrou o cômodo que a gente dormia né? No caso, o quarto. Mas, assim, não chegou a soterrar, invadiu, quebrou a parede e foi barro pra dentro de casa, muito. Mas ai minha mãe sempre foi uma mulher muito batalhadora e dava a volta por cima. A gente morou nessa viela até os meus sete anos de idade. Ai depois a gente foi pra minha casa atual, tô lá até hoje. E ai minha mãe construiu lá e tudo né? No meu período de escola foi um período bom e foi um período difícil também, né? Porque contrário do que ela (Thais) falou assim né, eu já senti mais o preconceito por ser negra. Então eu sofria bastante na escola, ser caçoada. E assim, não que eu não gostasse de ser negra, mas às vezes eu não gostava pelo fato dos outros rirem de mim, né? Fazer piadinha. Não de piadinha sabe, mas de qualquer coisinha, de te comparar né, essas coisas assim e pra quem é criança né...e eu sou uma pessoa muito sensível, qualquer coisinha eu choro, eu sou muito emotiva. Então pra mim, eu sempre tava chorando na escola. Ai sofri

bastante assim. Mas depois a gente vai ficando, eu fui ficando um pouquinho só mais forte e aí às vezes passava por cima. Então eu também sempre fui assim muito querida por professores. Né? Então tinha professor que se ela visse alguma brincadeira de mau gosto aí ela tomava a frente, me defendia e tinha minhas amigas que são minha amigas até hoje. Né. Então essa é a parte boa assim, porque eu fiz amizades na escola que eu tenho até hoje.

Isabel relatou com entusiasmo as férias no final do ano de dois mil e doze quando visitou uma tia que vive há mais de dez anos como empregada doméstica na Itália. Segundo Isabel, esta viagem internacional mudou a vida dela ao ponto de pensar em um dia sair do Capão Redondo, coisa que nunca havia passado por sua cabeça.

Isabel: Aqui tem de tudo, me sinto segura aqui, gosto das pessoas, mas sabe né? No Brasil as pessoas como a gente não tem muito valor não. Ainda mais a gente assim moreninha né?

Terminamos este encontro com Isabel ansiosa para o próximo encontro onde trataríamos sobre o futuro porque, segundo ela teria um monte de coisas para falar, já que falar da sua história de vida era muito difícil e a fazia chorar. Falar do futuro não, porque o futuro significa mudanças e a possibilidade de encontrar um homem que realmente a amasse.

Margarete, 21 anos, sempre gostou muito de estudar. Ela relata que na escola sofreu muito porque não se adaptava às brincadeiras da maioria das outras crianças e por esta razão vivia sozinha. Margarete é música de formação clássica, todavia diz está cada vez mais apaixonada nos estudos de percussão. Ela também está terminando o curso de psicologia em uma universidade particular e trabalha em um escritório comercial de uma empresa na zona oeste da cidade de São Paulo dedicada ao mercado imobiliário.

Margarete: Sou filha única, tenho só uma irmã por parte de pai, mas que a gente nunca conviveu, então é meio que irrelevante né? Até agora, porque depois ela vai aparecer (risos). E sempre

gostei muito de estudar, as coisas que eu mais gostava na infância era ler, porque eu nunca fui de ter muitas amizades, tanto que agora, eu cheguei no meu estado pleno sabe? De, de, de conquistar amizades! Mas é porque eu..., eu aprendi a me relacionar com o 'meio' de maneira diferente. Então, quando eu era pequena eu não tinha muitas amizades porque eu enxergava as outras pessoas de uma maneira muito... de julgar, tipo assim: 'por que elas está fazendo isso', sabe? Não precisa ser assim. Então, um exemplo básico: Ah matar aula. Matar aula pra mim, sempre foi uma coisa muito sem noção. Isso em qualquer idade, não importava se todas as minhas amigas estavam fazendo aquilo, eu sempre percebia, que meu, isto não era pra mim sabe? O quê que eu to ganhando com isso sabe? Aula ta lá acontecendo eu to aqui e pronto! Tem nada além disso. Então isso me afastava um pouco das pessoas, que eram consideradas as 'tops', as 'importantes' né? Só pra terminar..., da escola eu comecei a ter problemas no meu desenvolvimento, aí dentro da escola aconselharam a me levar ao psicólogo. Falaram pra minha mãe: 'ô leva ela no psicólogo porque ela tá a muito sozinha, muito solitária, e tem que ver o que é isso'. Ai minha mãe me levou no psicólogo, e a psicóloga disse: Olha, o que você gosta de fazer? Olha eu gosto de arte. Eu gosto de arte, eu gosto do que ninguém gosta, eu gosto de sentar e ouvir música, ao invés de ficar, sei lá, grudando no teto ou fazendo qualquer outra coisa. Eu gosto de meu...! De curtir meu sossego! Ela falou assim: 'Ah então faz teatro'. E aí lá foi eu pro teatro. Fiz três anos e no teatro eu descobri a música. E aí eu consegui uma bolsa no Instituto Tom Jobim, fiz teclado, fiz flauta doce lá.

Margarete cresceu sob a influência religiosa de sua avó que manteve uma casa de Umbanda por quarenta anos. Todavia, sua família se converteu à igreja evangélica. Margarete sofre porque está frequentando o Candomblé e sua família a condena. Relatou ainda, que sua mãe teve dois grandes sofrimentos recentes: a

separação de seu marido, pai biológico de Margarete, e quando Margarete revelou para sua mãe sua homossexualidade.

Margarete: *Então, nessa busca incessante pelo conhecimento, tanto acadêmico agora, como, agora não né? Três anos já. Tanto acadêmico como com a própria vida. Eu procurava o porquê minhas tias brigavam tanto, sabe? Por que minha família é tão desunida. Por quê num dá pra ser uma coisa legal, sabe? E um contar com outro e meu! Por que tanta falsidade? Eu sempre questioneei essas coisas. E aí chegou o momento que a minha mãe falou assim: 'Olha, eu vou fazer o que você quiser'. Porque a minha mãe sempre soube que eu fui muito livre e meus pensamentos sempre foram além. Ela olha: eu faço o que você quiser, se você quiser ir pra Igreja tal, e tal. E eu falei: mãe eu não quero Igreja. Foi difícil porque, eu sempre considerei, minha mãe como peça importante da minha vida. Minha mãe, sempre teve um vínculo maior comigo do que o meu pai, do que tio, tia, sempre. Então eu não considero a minha relação da minha mãe como mãe e filho. Porque não tem aquela coisa de desequilíbrio sabe? A gente se olha de igual pra igual. A gente consegue ter essa relação de humanização mesmo, sabe? Você reconhece o outro com as limitações e tudo mais. E eu fui falar com ela primeiro né? E ela ali, dentro de todas as verdades imbatíveis dela né? Não vou segurar aqui e pronto. E aí eu cheguei. E falei: olha cê tá separando do meu pai, e eu vou aproveitar que você já tá mau..., já tá mau, já tá no luto, então agora cê emenda em outro e quando cê ficar bem, cê vai ficar bem de uma vez. É o seguinte eu não sei se você já tinha percebido, e tal, mas eu sou homossexual. Eu não escolhi, porque ninguém escolhe ser discriminado.*

Margarete ressaltou que embora tenha assumido sua homossexualidade para sua mãe, ainda não se sentiu à vontade para contar para o restante de sua família que é muito tradicional.

Preta, 21 anos, tem no colorido de suas roupas e no seu jeito um modo peculiar de tratar com o tempo. Ela chegou tranquila para nossa conversar. Repousou sua bolsa com estampas de flores na mesa, se acomodou na cadeira e nem mesmo o atraso de uma hora e meia lhe trouxe pressa ou atropelo das palavras.

Preta era, na época, estudante de Direito em uma universidade particular. Era militante de vários movimentos sociais, com destaque para o movimento negro, feminista e contra o genocídio da juventude negra nas periferias do Brasil, em especial, a juventude vítima das últimas chacinas que ocorreram na região do Campo Limpo, Capão Redondo e Jardim Ângela em 2012. Estava entre o grupo de jovens que se refugiaram nos banheiros do Shopping Center Paulista, próximo à Avenida Paulista, no centro de São Paulo, quando se deu a perseguição da tropa de choque da polícia militar que tentava por fim a primeira manifestação para redução da tarifa de ônibus de três reais e vinte cinco centavos para três reais.

Preta começou sua luta política ainda com 14 anos de idade participando do grêmio estudantil da escola particular de tradição judaica onde estudava. Por causa do movimento estudantil viajou por muitos Estados brasileiros sendo convidada a participar do grupo juvenil de um dos mais antigos partidos de esquerda no Brasil. Em nome desta experiência que acumulou, Preta se diz desanimada com o feminismo dominante por não reconhecer as especificidades da mulher preta e, com os partidos políticos que entendem a condição de pauperizada de boa parte da população negra como simplesmente uma questão socioeconômica.

Preta: É difícil Nego. Os movimentos feministas que domina, hegemônico é branco! Foram mulheres brancas que queimaram seus sutiãs em praça pública. Elas que reivindicam em manifestos serem vândias e entrarem no mercado de trabalho. Nós mulher preta não! A gente sempre foi considerada vândia, vagabunda desde os tempos da escravidão. Desde que chegamos aqui nesta terra não tivemos respeito pelos nossos corpos. Trabalhamos nas casas, nas lavouras, cuidando de criança. Quem de nós quer ser chamada de vândia? Se as mulheres brancas busca igualar salários, nós pretos... eu, você nego, não temos ainda se quer

carteira assinada, né? Nossa luta também é dentro dos movimentos e partidos.

Preta retira de sua bolsa uma cartolina que enrolava um espelho pequeno redondo com uma haste. Na cartolina havia um desenho desse mesmo espelho e uma linha tracejada com datas importantes para ela.

Preta: A gente fez aqui. Você pediu nas cartolinas né? Era tipo duas imagens, ou uma imagem e uma foto, e uma frase. Ah! Eu tinha pensado num espelho...E... a frase eu tinha pensando em várias frases, mas como eu sou fã da Simone de Beauvoir, aí é.. é essa aqui: 'Querer-se livre é querer livre também os outros'. Primeiro porque esse espelho não está necessariamente relacionado a questão estética, mais a questão religiosa né? Símbolo da minha mãe (Oxum). E também o espelho é o olhar, a ancestralidade né? O espelho é muito importante, o reflexo é muito importante. Sempre fazendo a autoimagem, enfim. Por isso que eu escolhi o espelho. Então, a frase é porque eu sou muito fã da Simone de Beauvoir, muito mesmo! Mesmo que tenha algumas ressalvas aí, por ela ser uma feminista burguesa, e nunca ter... ter deixado de afirmar isso. Mas o primeiro livro que eu li, assim, da questão feminista foi 'Segundo sexo volume 1'. Nossa, foi muito importante pra mim e, tem sido. Sempre que eu releio acho importante. E acho que ela é uma figura inspiradora. Né? Ela trata da questão da liberdade sem muita.... sem muita ilusão né? Como se a liberdade fosse a saída pra felicidade. Mas trata a liberdade da forma que é né? Ser livre é ser responsável pelas suas próprias ações. Liberdade traz implicações bastante graves, e ela traz a liberdade ponderando o que pode ser grave, o que pode ser bom. Eu gosto desse jeito dela tratar isso. Esse negócio de ser livre é uma responsabilidade né? Assumir lado também, ser livre é assumir lado né? Mesmo sendo uma mulher negra, se auto afirmando negra é uma posição política. É ter um lado também. Então eu acabei levando isso pra mim.

Preta se viu muito cedo com a responsabilidade de cuidar “dos homens” de sua casa porque sua mãe depressiva saiu de casa por dois anos.

Preta: É minha mãe teve eu com 17 anos e meu pai tinha 21. Eles brincaram de casinha e se casaram. Estão casados até hoje entre mais idas e vindas que qualquer outra coisa. A minha mãe voltou pra faculdade começou comércio exterior, não concluiu. É só que nesse momento eles eram muito jovens né? Então pensa: uma jovem adolescente, né? Pensa, quando a minha mãe tinha 24 anos eu já tinha 6 ou 7 anos. Na universidade né? Pra ela era muito complicado. Porque ela queria ir pro samba, queria viver a universidade e investir na família. E aí assim, eu fui uma criança criada pra ser independente. Meu pai no pagode minha mãe na faculdade e também no pagode. Aí minha mãe engravidou do meu irmão. Ai eu passei a ficar, à cuidar do meu irmão. Como minha mãe trabalhava fora, meu pai trabalhava fora, então, as tarefas domésticas começaram a ficar muito mais na minha responsabilidade. Minha mãe, pra ajudar, saiu de casa ficou morando fora dois anos. Ela saiu de casa no aniversário do meu irmão e do meu pai. Meu irmão e meu pai faziam aniversário no mesmo dia, 23 de fevereiro de 2001. Ai eu fiquei em casa com meu irmão, ai mais responsabilidade porque minha mãe já não tava. Tudo ficou pra mim fazer com meu irmão e com meu pai. Ai minha mãe voltou com o meu pai. Ai eu já não dava muito bem com a minha mãe. Por não compreender naquele momento né? O que significou pra ela ter saído de casa. O quanto importante isso foi pra ela. E tudo que o meu pai machista provocou nela, apesar de bom pai. Hoje eu tenho essa noção por conta da Simone de Beauvoir.

Preta atualmente está vivendo em outro Estado brasileiro porque conseguiu transferência para continuar direito em uma universidade federal. Sua transferência se deu porque não estava conseguindo custear o aluguel no Capão

Redondo na zona sul, a condução para a universidade na zona oeste com o salário que ganhava em uma ONG.

Isadora chamava atenção por aparentar ser muito mais nova do que os 18 anos que ela declarava. Contou que aos dezessete anos conheceu um rapaz com quem foi morar maritalmente poucos meses depois. Isadora relatou que possuía apenas seis meses de união os dois começaram a brigar e que em momentos de fúria ele jogava objetos na parede e quebrava aparelhos domésticos. Aos poucos passou a agredi-la. Relatou que reportava que estava sendo agredida para a mãe do marido, mas sua sogra não acreditava que o filho tivesse comportamento violento.

Isadora: O que teve de importante na minha vida até hoje foi que Deus me livrou de uma morte. Eu era casada com um rapaz e ele era muito ciumento. Tinha ciúmes da família dele, da minha família. Não podia ver minha mãe, nem meu pai, não podia trabalhar. Eu não podia fazer nada da minha vida sem estar com ele.

A psicóloga Miller (1999) em seus estudos com mulheres vítimas de violência cometida pelos seus companheiros afetivos que se utilizavam dos serviços do poder judiciário Norte Americano constatou a forma sutil que os agressores se utilizam para ir minando as forças, a autoestima das mulheres que estão sob seu domínio de terror. Eles costumam isolá-las em suas próprias angústias ao impedir que trabalhem fora de casa, visitem seus amigos ou familiares.

Isadora, então descreveu que em uma noite de sábado seu ex-companheiro chegou de uma festa de rua e movido pelo ciúme a espancou por doze horas ao ponto de deixá-la desacordada com sangramentos pelo nariz e pela boca. Na manhã seguinte Isadora foi encontrada inconsciente e socorrida por sua mãe. A jovem ficou internada no hospital por três noites e mesmo depois de ter tido alta só pode fazer o boletim de ocorrência uma semana depois quando teve condições de falar, porque sua boca muito inchada a impedia de articular as palavras. Com a notícia que Isadora havia prestado queixa e lavrado um boletim de ocorrência na delegacia da região, seu ex-marido se evadiu.

Isadora: Aí ele foi trabalhar uma vez fora e quando ele voltou teve uma festa na rua. Eu não fui, fiquei em casa. Daí ele saiu pra curtir a festa, voltou muito louco de drogas e tudo, eu não sabia que ele usava, muito louco começou a me bater do nada. Me bateu doze horas e querendo me matar. Me bateu com cabo de vassoura, me jogou na parede, me bateu de tudo quanto é coisa que você pode imaginar. Me deu banho gelado. Então eu fiquei muito ruim, fui parar no hospital, minha mãe foi me socorrer, meu pai ficou muito bravo, subiu lá em cima. Fiquei umas três noites no hospital, eu não estava enxergando nem falando, foi uma coisa muito difícil pra mim. Aí hoje eu agradeço muito a Deus por ter me livrado dessa morte. O primeiro hospital que eu fui eles me socorreram rápido porque eu estava muito inchada, não estava nem conseguindo falar, então eles não quis fazer o boletim, mas dias depois eu fui para outro hospital, eu já estava conseguindo falar um pouco, aí eu fiz o boletim e expliquei tudo.

Nos dias de nossos encontros com Isadora ela estava no sétimo mês de gestação de uma menina. Isadora disse ainda, que na ocasião que engravidou seus dias eram muito tristes e que se sentia muito deprimida, muito sozinha porque havia acabado de se separar de maneira drástica. Ela estava: *“bem triste, com minha cabeça voada porque eu passei muito sofrimento com o meu ex-marido, fui espancada por 12 horas, então quase morri, então foi uma vida bem complicada pra mim”*.

Próximo ao natal de 2012, ela reencontrou um ex-namorado do tempo que estudaram juntos na infância. Segundo o que descreveu, a reaproximação aconteceu depois de muito tempo sem se verem. Neste retorno ele parecia mais maduro, se mostrou atencioso, carinhoso, preocupado com sua fisionomia entristecida em constante choro. Isadora comentou que nunca havia sido tratada com tanta atenção como estava sendo naqueles dias de reencontro com seu ex-namorado. Assim, muito envolvida pela forma que demonstrou tratá-la, bem diferente do rapaz que acabara de se separar, ela decidiu vê-lo quantas vezes fosse possível.

Então, Isadora passou a se encontrar com o ex-namorado todos os dias até o ano novo. Ele revelou na virada de 2012 para 2013 que havia sido condenado por tráfico de entorpecentes e que estava preso em regime semiaberto. Disse que havia sido liberado para visitar a família em dias de festas por causa do seu bom comportamento. Culpou a antiga esposa por ter se envolvido no crime e se disse arrependido. Isadora o consolou dizendo que isto só havia acontecido porque ela ainda não estava ao lado dele. Ela considerou aquele dia mais que um marco do início de um ano novo, mas também o começo de uma vida nova para os dois. Isadora passou a visita-lo no presídio e a telefonar quase todos os dias. Ela lembra que ele foi liberado para visitar os pais no mês de maio por ocasião do dia das mães. Neste dia engravidaram.

Isadora: Eu estava toda machucada, aí o André, ele começou a me ligar a me dar carinho, começou a correr atrás de mim de novo. Ele tinha sido preso, eu não sabia dessa história porque eu tava com o cara casado ainda. Uma menina acabou colocando ele numa enrascada e ele acabou sendo preso. Aí eu fui falei pra ele, conversei com ele, que se ele tivesse comigo nada disso teria acontecido, que ele nunca teria se envolvido com isso, foi por causa de amizade, aí ele foi e falou: 'eu sei que foi por causa de amizade, que eu fui errado, fui pela cabeça dos outros, fui piolho'. Aí eu falei assim: 'é agora é bola pra frente né? Aí a gente ficou no natal, ano novo. Daí a gente começou a ficar junto, aí a gente ficou conversando pelo telefone, ele na cadeia e eu aqui ajudando ele. Quando foi no dia das mães ele saiu. Foi no dia que eu engravidei, no dia das mães.

No final de nossa conversa Isadora relatou que estava com muito medo do ex- marido porque, segundo ela, ao descobrir que ela estava grávida de outro homem passou a segui-la. Isadora relatou que uma semana antes de nosso encontro, ela andava pela Avenida Morumbi quando sentiu uma motocicleta muito próxima. Ao se virar viu uma arma na mão do motoquero. Era seu ex-marido que se deixou reconhecer porque usava a viseira do capacete levantada.

A filhinha de Isadora nasceu saudável. Ela voltou a morar com sua mãe no Capão Redondo enquanto espera a liberdade sem previsão do pai de sua menina. A casa hoje abriga Isadora e seu bebê, suas duas irmãs mais velhas; uma delas mãe de um garoto de dez anos ao passo que sua outra irmã é mãe de uma menina de sete anos. A mãe de Isadora sozinha sustenta com seu trabalho de diarista, as filhas e os netos em uma casa com um banheiro, uma pequena cozinha ligada a um cômodo um pouco maior, que durante o dia funciona como sala de estar e a noite se transforma em dormitório para toda a família.

Considerando que Isadora recentemente se tornou mãe e terá que cuidar de sua filha sozinha, contando para isto, com ajuda da mãe, das irmãs e eventualmente dos sobrinhos, uma vez que o pai se encontra encarcerado; que todas as irmãs de Isadora estão cuidando de seus filhos sozinhas e que a mãe de Isadora cuida das filhas e dos netos, nos permite concluir que na casa de Isadora vivem duas gerações de mulheres entre dezoito e quarenta e cinco anos, com a responsabilidade de administrar a escassez e tirar disto tudo algo que lhe façam feliz. Já que a própria Isadora encerra nossa conversa dizendo: *“A gente tem que se ajudar pra poder criar as crianças e se unir né, para ser feliz, porque nem só de pão a gente vive”*.

A situação familiar de Isadora encontra reflexos em Macedo (2007) que ressalva as transformações que o conceito de família vem sofrendo nas últimas três décadas. Tem-se caminhado para outra maneira de convivência e solidariedade entre pessoas, o que traz, particularmente, a percepção do crescimento das chamadas famílias chefiadas por mulheres. Poder-se-ia recorrer a múltiplos fatores que propulsionam a visibilidade social deste fenômeno. Contudo, Macedo (2007) destaca fatores de ordem ideológica ligado ao machismo estrutural e os de ordem socioeconômica que se articulam para que na camada mais pauperizadas da população, particularmente entre aquela situada abaixo da chamada linha de pobreza, que cresce o isolamento dos núcleos domésticos das redes de parentesco e solidariedade. As mulheres, sobretudo entre as jovens, neste contexto crescente são as protagonistas da administração da inófia e da escassez.

5. Futuro:

Do latim *futūrus*, a palavra futuro refere-se, por definição, àquilo que ainda está por vir, por ocorrer. Na linha do tempo, o futuro acomoda-se à frente de tudo o que veio antes, como também do que está acontecendo agora. Dito de outra maneira, o futuro acomoda-se posterior ao passado e ao presente. Para Agostinho:

[...] tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal, verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo o futuro está precedido dum passado, e todo o passado e futuro são criados e dimanam d'Aqule que sempre é presente. (Agostinho, 2008, XI. p. 112).

As jovens que colaboraram neste trabalho apresentaram três tipos de sentido sobre o futuro. Quais? Elas têm os pés bem ficados no que estão vivendo no presente. Podemos dizer que elas não encontraram dificuldades para falar de como suas vidas se edificaram até os dias de nossos encontros. Todavia, discorrer sobre o futuro aconteceu como num susto. As emergências do cotidiano e da sobrevivência aliciam, de certa forma, o tom padronizado nas vozes das jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela quando mencionavam o futuro. O que nos deu a impressão inicial de viverem desprovidas de projeções para o tempo vindouro:

Nunca pensei no futuro acredita? (Andressa);

Eu não sou de pensar no futuro. (Eduarda);

Pra que pensar no futuro? (Thais);

Gosto de falar do presente. (Margarete);

No futuro eu vou ficar mais velha e só. (Isadora);

Eu, se eu não morrer, vou tá viva (Naninha);

Eu tenho medo do futuro (Madalena);

Ah, eu não tenho isto de ficar pensando no futuro (Dandara).

Falar do presente pareceu a elas um tanto mais fácil para chegar às incertezas do futuro. Este modo de acomodar o tempo para suas narrativas de como significam e dão sentido ao tempo vindouro nos ajudaram no processo de aprendizado e crescimento. Sem o aquecimento da convivência com as jovens, os ouvidos ansiosos do pesquisador suscitou a conclusão mais óbvia e fácil possível: elas são descrentes no que virá agregar à vida delas.

No ponto inicial desta pesquisa tudo nos levava a crer que para as jovens negras da região do Capão Redondo e Jardim Ângela, vivendo em meio a tantas dificuldades e desrespeito de diretos, a amargura inevitável barrava-lhes os planos de futuro. Com isto, acreditávamos, a melhor saída que encontrariam era ir envelhecendo a cada dia que a vida fornecesse.

Os sentidos de futuro destas jovens aparecem em uma análise preliminar, como um movimento circular monótono com momentos de dores e alegrias, abandonos e reencontros, exclusões e acolhidas. Em seus relatos a vida lhes imprimiu, por exemplo, lembranças da infância com brincadeiras típicas, com danças e passeios. Porém, as mesmas lembranças são de responsabilidades de adultos: cuidar dos irmãos mais novos, ou de outras crianças por algum dinheiro; se dedicarem aos trabalhos do lar porque um dos pais se ausentou em nome de outro destino, foi embora aliado à violência doméstica conjugada com entorpecentes, ou afastou-se arrastado pela morte precoce.

O futuro, segundo suas lembranças, estava na escola onde sentiam de perto a hostilidade do preconceito racial de alguns coleguinhas e professoras, mas paradoxalmente, a escola era a principal promessa de mudança da condição de pobreza.

Isabel: No meu período de escola foi um período bom e foi um período difícil também, né? Porque eu senti as dificuldades de ser criança negra.

Isadora: A escola era legal as meninas até tinham inveja de mim por isto eu era caçoada. E assim, eu não ligava, mas não tive

cabeça e comecei a namorar cedo e por isto perdi a escola e o futuro né?

Entretanto, a análise dos sentidos de futuro para as jovens comprometida com certa falta de expectativa, como uma repetição do passado e acomodação às amarras do presente, se alterou ao longo de outras tantas conversas com elas e, pela dedicação dispensada do orientador desta pesquisa. O processo de investigação, no entanto, possibilitou a compreensão de que para as jovens negras da periferia o futuro é uma conjectura do tempo vindouro sem prodiagnóstico exato.

Como seres temporais, as incertezas do futuro causam nelas receios, expectativas e inseguranças. Para Sawaia (2009), há sempre sofrimento, medo, humilhação por trás da desigualdade social. Todavia, como num milagre extraordinário humano, insurge a vontade de ser feliz e de recomeçar onde qualquer esperança parece morta. Este milagre proveniente da humanidade das jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela impôs-se à medida que os nossos encontros ocorreram.

É..., falar do futuro dá medo, ansiedade, uma mistura. Ai...! Só que nossa, é legal falar, pensar no futuro porque isto ajuda a gente se conhecer, até ver com quem dá pra caminhar juntos, né!? (Risos). (Thaís).

A cada fala, a cada depoimento de reconstituição de suas histórias, as jovens perderam a pressa. Alargaram-se, assim, nossa compreensão de que diziam.

Isabel: Não tenho nada para falar de mim. Ah, eu sou muito comum não tenho nada de interessante. Mas tenho uma prima que sabe falar sabe? Ele é inteligente, bonita né? Minha infância eu curti muito, não tenho nada que reclamar, brincava muito com muita criança, até hoje eu digo que eu sou muito criança ainda na verdade. Eu brincava muito, eu não tenho muito o que falar, eu era muito brincalhona, me divertia bastante, não passei nenhum sofrimento.

Em um segundo momento, após dois encontros Isabel altera seu depoimento:

Às vezes eu me acho feia sabe? As vezes me acho bonita. Me acho uma menina legal. Mesmo assim cavala veia eu tô brincando com as crianças. Eu sou mó brincalhona, não tenho nada que reclamar. Mas eu agradeço muito a Deus por ter me dado mais essa chance nessa vida. E ele tem me dado porque, se não, hoje eu não estaria nem te contando essa história. Quando eu falo assim ninguém acredita que aconteceu isso comigo. Uma hora dessas não era nem pra eu tá viva. Ninguém sabe o que eu passei e ainda passo. Ele falava que quando ele terminasse eu ia ficar feia pra sempre, ninguém mais ia me querer. Isso ainda tá na mina cabeça.

Insistíamos que não havia necessidade de lembrarem ou falarem de tudo de uma só vez. Com a garantia de que outros encontros se sucederiam com o objetivo de continuarem seus relatos e que poderiam retomar seus depoimentos de onde preferissem, passo a passo, ajudaram-nos a ultrapassar qualquer possibilidade de interpretação dos seus sentidos de futuro presos de forma definitiva a um círculo viciado.

Preta pelos caminhos por onde andávamos dizia ao pesquisador que ele não estivesse ido ao bairro elas não teriam como falar de coisas muito importantes. Uma dessas coisas era o machismo dos rapazes. Por exemplo, em reunião política no movimento social, com a participação de homens e mulheres, as mulheres perderam uma parte da reunião com tomada de decisões importantes ao obedecerem a um código implícito de que elas teriam que fazer a comida e depois limpar a louça. Elas abriram a reunião lendo a ata. Depois que voltaram para a reunião elas que fizeram a nova ata.

Nossa vivemos momento intensos juntos. Fico pensando se você não tivesse vindo aqui andar na quebrada com a gente, sei não viu!? Como eu ia contar o que você mesmo deu pra ver? (Preta)

A possibilidade de falar, pensar no que falou e falar novamente, se assim o desejassem, permitiu refletirem seus futuros com certo descanso das badaladas regular do relógio “homogêneo e vazio” (Benjamim, 1994, p. 229), cujos braços, em movimento circular indica as horas e os dias como se fossem sempre iguais, nivelando todas as ocorrências em um contínuo indiferente (Matos, 1989). Os vários encontros ao longo de meses possibilitou a mudança do tempo de suas falas. No início, as falas sobre a vida e o futuro eram rápidas. Depois, passou a ser uma fala sem pressa sobre momentos importantes da vida. O que, em última análise, auxiliou na hermenêutica do que nos era dito.

Assim, com a tensão diminuída das preocupações em demasia de terem que esgotar suas falas dentro de um tempo puramente cronológico. Amparadas pela certeza de que suas considerações sobre o futuro e de suas experiências podiam ser retomadas, notamos que as falas passaram para um desenrolar calmo. Foi possível de certa forma, como nos argumentos de Henry Bérghson (1988) que Maldonato (2012, p. 61) recuperou: “um desenrolar-se e enrolar-se de um fio num novelo, dado que nosso passado nos segue e vai engrossando sem descanso com o presente que vai recolhendo ao longo do caminho”. Então surgiu outro sentido para o futuro:

*Tem uma coisa que me perturba um pouco. Eu gostaria para o meu futuro é ter uma família preta. Tá muito forte na minha cabeça. Meu sonho é ter um companheiro negro que atenda as minhas expectativas. Quem não quer né? É básico. Ah, não é tão básico assim né? Pensar em montar um centro cultural de negros e ter uma família preta também, não dá pra dizer que é básico.
(Madalena)*

Percebe-se que o relacionamento amoroso tem um lugar importante no futuro das jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela. Formar uma família não é uma consequência natural, mas um desafio. É muito oportuno lembrar que há uma

desproporção entre a juventude feminina da região, que quase dobra em relação à masculina, que diminui, seja por causa dos grupos de extermínios, do vício severo em entorpecentes e álcool, pela migração ou porque estão encarcerados por conflitos com a lei (PDA, 2008), que se agrega as barreiras que a cor da pele impõem.

Na adolescência quando eu saia pro role, só queria dançar, só isto. A gente nunca era convidada para dançar. Mas para as meninas mais branquinhas, as meninas minhas amigas, as outras não, as outras dançavam a noite inteira (Dandara).

As jovens entrevistadas declaram que a sua aceitação como negras foi crescendo com o tempo. Com o tempo puderam vencer as dificuldades e se verem com qualidades. Disseram que aprenderam primeiro a ter que sobreviver, a se defender da violência doméstica e sexual.

A percepção de serem negras vem de diferentes formas. A fala dos pais foi, muitas vezes, uma preparação da autoestima, com elogios a sua beleza em contraste com a discriminação que surge com uma força avassaladora a partir de piadas depreciativas e preconceituosas. O que depois pode ser reelaborado como uma posição política: *Se assumir negra e, reencontrar o espelho é uma posição política que a gente adquire na resistência (Preta).*

As jovens negras sentem que um dos motivos do medo de ficarem sozinhas no futuro, mesmo que seus pais e familiares tenham tentado fortalecer o contrário, vem de um padrão de beleza imperante. Elas relataram que demoram a se perceber atraentes contra um padrão de beleza branca. Como no caso de Dandara que teve que raspar os cabelos porque tentou ficar parecida com suas coleguinhas de escola e com ídolos que ela via na televisão: Sandy e Junior.

Para Adorno (2006), as dinâmicas sociais capitalista promovem a crença, a qualquer preço, no que existe. A crença apenas no existente é uma característica de muitas pessoas mediadas por conformações formais do pensamento. Estas conformações, por sua vez abrem as portas para uma disposição a se adaptar ao vigente, além de promover certa deficiência de relações diretas e espontâneas com pessoas,

coisas e ideias. Dá-se assim, a força do convencionalismo impositivo encontrado nas jovens negras da região do Capão Redondo e Jardim Ângela.

Segundo Adorno (2006), a única possibilidade de superação do convencionalismo é a resistência. Como afirma: “a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.” (Adorno, 2006 p.183).

Para as jovens do Capão Redondo e do Jardim Ângela que colaboram com este estudo ter uma companheira (o) para dividir agruras e alegrias da caminhada é importante. Isso ocorre mesmo com as jovens homossexuais. A realização se concretiza na união conjugal e em uma ligação direta com o passado das primeiras mulheres que povoaram a região, que com suas próprias mães forjavam o barro na confecção dos tijolos de suas casas, a jovens entrevistadas se realizam na luta em ações ligadas na edificação da própria moradia, como nos relatou Bia: *E eu casei, né? Eu casei, a gente tá fazendo a nossa casa, construindo. Um dos meus caminhos é a Eduarda? E outro é o teatro. Eu vivo e respiro o teatro.*

Bia pronunciou essas palavras no nosso último encontro. No dia e hora marcados encontramos com ela e sua companheira (Eduarda) em frente sua casa em plena construção, mas que mesmo inacabada já abrigava as duas jovens. O sol das dez horas da manhã provoca-lhes um tom vermelho em seus rostos banhado por um suor denso enquanto elas subiam carregando materiais de construção por uma escadaria estreita e íngreme, que liga o portão de entrada a porta da residência. Bia nos relatou que deve a construção de sua casa à um tio pedreiro que vem nos fins de semana para se dedicar a construção do imóvel. Como elas não têm como pagar um servente de pedreiro para auxiliar o tio, elas mesmas se alternam neste trabalho.

A possibilidade de conseguir a sua própria moradia é um sentido de futuro para as jovens. Pelos seus depoimentos, em especial na fala acima transcritas pronunciadas por Bia, percebe-se que a moradia vai além de ser um bem com o sentido de realização de suas necessidades primárias e privacidade, mas é também onde se sentem seguras e, sobretudo, onde elas exercem muitas das tarefas que socialmente lhes foram impostas.

Todavia, ter uma companhia afetiva, lhes parece um desafio. Em vários momentos, principalmente na infância durante o período escolar e na adolescência, as jovens relataram que se sentiram preteridas: *As meninas branquinhas dançavam a noite toda, a gente só ficava na torcida* (Dandara);

Eu na adolescência dei muito trabalho para minha mãe ficava de beijinho o tempo todo, mas eu dava sorte porque os meninos do meu tempo preferiam a meninas bonitinhas, branquinhas. (Isadora);

Ah é difícil namorar aqui, porque os caras não quer nada sério com a gente. Sei não o que eles vê nas clarinhas. (Isabel)

A dificuldade das mulheres negras conseguir um relacionamento que se torne em uma união estável ficou comprovada no Censo de 2010 realizado pelo IBGE, em que as mulheres negras aparecem como as mais solitárias em relação as mulheres brancas. Os números publicados descrevem que 70% dos casamentos no Brasil ocorreram entre pessoas da mesma cor e que as mulheres pretas (7% da população) foram as que menos se casaram.

Entre os fatores que o IBGE destacou como relevantes para os brasileiros ao escolher o parceiro estão a renda, a educação e a cor ou raça. As jovens negras que entrevistamos possuem em média o ensino médio com renda entre trezentos e dois mil e quinhentos reais. Esta preferência pela união com alguém da mesma cor/ raça e renda não se alterou desde Censo de 2000 quando 70,9% das pessoas uniram-se à outras de mesma cor/raça, em contraste com o Censo de 2010 que registrou 69,3%. Estes dados indicam uma clara justaposição de fatores que sugerem uma racialização na escolha dos parceiros.

A cultura aparece forte como um dos sentidos que as jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela relataram. Eduarda, em sua entrevista, várias vezes repetiu que seu sonho é poder ganhar a vida através do teatro. Outras jovens também acreditam que a melhor forma de expressão de seus futuros está na arte, na produção cultural. O sentido de futuro de Madalena, por exemplo, está na dança de origem africana. Ela sonha em criar um centro cultural para ensinar “*a história de África*

embalada pela força sagrada dos tambores e do corpo dançante como elementos fundamentais”. Por sua vez, Isabel manifesta seu interesse em se mudar para Itália, porque morando com sua tia que vive na Europa há mais de dez anos, ela poderia estudar arte e decoração de interiores. Enquanto que Dandara pensa como forma de resistência à opressão e de realização pessoal a música.

Dandara: Eu fiquei dois anos sem ter relação nenhum, com cultura, porque eu sempre tinha tido, como eu já havia falado, sempre tinha tido desde jovem, desde adolescente e tal aquela coisa, e eu me vi três anos quase sem aquela relação, sem cantar sem nada de música e de evento de nada, só trabalhando, trabalhando lá, e eu trabalhava em fim de semana não tinha tempo ficava cansada e de repente, conversando com um conversando com outro, o pessoal disse Dandara mais tal e tal tal tal, fui fazer terapia, comecei a fazer terapia, vai fazer quase um ano que eu faço terapia, agora eu to de novo participando de vários eventos culturais. Bem legal porque agora eu to numa fase muito de ação, então: o que eu gosto e como eu posso trabalhar pra mim e pro outro. Não só pra mim, mais o que eu posso usar pro outro sabe? Então eu me vejo assim, assim, sabe? Pro futuro, futuro mesmo eu acho que é mais ou menos isso.

Desse modo, não nos ficou dúvidas que para a maioria das jovens colaboradoras desta pesquisa a cultura surge como propulsora de sentido para o futuro delas. Assim, a região do Capão Redondo e Jardim Ângela tem virado a página da violência para a página cultural. Ressalvam Dayrell e Gomes (2010), a cultura tem se despontado como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar seu lugar na sociedade. Concluem:

A observação dessa realidade permite compreender que, de forma geral, os grupos de produção cultural, mesmo com abrangências diferenciadas, podem significar uma referência na elaboração e vivência da condição juvenil, contribuindo de alguma forma para dar um sentido à vida de cada um, num contexto onde se veem relegados a uma vida sem sentido. Ao

mesmo tempo, pode possibilitar a muitos jovens uma ampliação significativa do campo de possibilidades, abrindo espaços para sonharem com outras alternativas de vida que não aquelas restritas oferecidas pela sociedade (Dayrell & Gomes, 2010, p. 19).

Marcuse (1997) afirma que “cultura” fornece a alma à “civilização” (p. 95). Para o autor a cultura afirmativa protesta com a alma contra a reificação. Contudo, como a primeira impressão da favela, afirma Zibordi (2004), nos conduz ao pensamento da irracionalidade do aglomerado de moradias que acompanham a sinuosidade do terreno irregular, da mesma forma a complexa estrutura de sobrevivência que as jovens estão expostas pode dificultar a percepção, retardar ou simplesmente impedir a realização deste futuro que elas esperam e lutam por ter. Exatamente porque elas precisam de alguma forma buscar o sustento diário. Cabe lembrar, que elas colaboram ativamente com as despesas familiares, no caso de algumas, elas são a principal fonte de recurso financeiro. O que suscita outros sentidos de futuro relacionados a autorrealização. São projetos com diversos sentidos como: o político, o acadêmico e o profissional.

Segundo Preta:

Formação acadêmica, né? É um foco. Tô mudando toda a minha vida por conta do objetivo da formação acadêmica. A academia pra mim não restringe ao profissional, muito pelo contrário, academia pra mim, é meio de trazer os meus para espaços em que nós ainda não estamos da forma em que deveriam. Nós quem? Nós a população negra e mulheres negras fundamentalmente então: eu estar na academia é tentar produzir e criar meios, fomentar, e achar estrutura me aproximar de estruturas em que eu possa possibilitar para os meus e para as mulheres pretas oportunidades nesse sentido, entende?

Preta logo depois desta entrevista passou a morar em outro Estado para estudar Direito em uma Universidade Federal. Segundo ela, isto se deu por encontrar dificuldades financeiras para manter-se estudando em São Paulo. Apesar da

migração forçada, ela se identifica com a região: *“Vou, mas logo, logo tô de volta na quebrada, porque a gente tem muito que lutar pelos pretinhos daqui”*.

Repetimos que na Região do Capão Redondo e do Jardim Ângela, assim como a região do Grajaú reside o maior número de cidadãos paulistanos que se auto declaram pretos. Este fenômeno crescente, em especial entre os jovens, de reconhecerem sua negritude e, de certa forma, identificarem-se, com uma região, como um grupo racial negro, que enfrenta desafios como o racismo enquanto grupo, tem íntima ligação, segundo Gladys Mitchell (2009), com as recentes alterações na política racial brasileira, tais como a implementação de ações afirmativas nas universidades e da lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. A autora é enfática em considerar que “os movimentos negros brasileiros exigiram continuamente essas mudanças e também encorajaram os afro-brasileiros a assumirem sua negritude” (Mitchell, 2009, p. 274).

Para compreender o sentido atribuído aos diferentes conteúdos das falas das jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela foi necessário observar como falam a respeito do seu meio sociocultural bem como o que nós podemos observar desse meio. Isso só foi possível por meio de adaptações no procedimento de pesquisa. Foi necessário acompanhá-las em atividades, por exemplo, idas a comunidade, apresentações de teatro, saraus, ao jongo, a rodas de candomblé, bem como visitas ao CAPS e acompanhamento de suas atividades como agentes comunitárias de saúde.

A forma como as jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela conduzem seus pensamentos, assim como, a forma que estabelecem relações entre o que percebem do meio sociocultural foi fundamental para compreendermos como se dá o processo de formulação que elas dão sentido. Para isto, como dissemos, foi necessária certa flexibilidade no planejamento de nossa investigação para contemplarmos a agenda das jovens. Flexibilidade esta, que com os dias de recordação, os momentos que capturaram o tempo em pontos de concentração, as coisas lembradas por elas subitamente se tornaram atuais, retornaram à existência nos momentos de recordação (Matos, 2008).

Concluimos, desse modo, que as jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela se percebem negras e guerreiras. Exatamente pela consciência da cor da pele não se iludem frente às dificuldades que o futuro reserva para se concretizar do jeito que elas esperam. Os sentidos de futuro que elas relatam embotam as palavras que lhes saltam pela boca de sentimentos. Vygotsky (1998) insiste que para os jovens a linguagem e a percepção estão ligadas. Para os jovens, argumenta, “lembrar significa pensar (p. 118)”. Só se pode compreender adequadamente o pensamento humano quando se compreende sua base afetiva: “Nenhuma pregação moral educa tanto quanto uma dor viva, um sentimento vivo e, neste sentido, o aparelho das emoções é uma espécie de instrumento especialmente adaptado e delicado através do qual é mais fácil influenciar o comportamento” (Vygotsky, 2001, p.143). Assim, deixamo-nos por alguns meses, nos envolver com as imagens, fatos e acontecimentos para chegarmos aos sentidos de futuro das jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela que muito fizeram por este trabalho.

6. Considerações Finais

As amarras da barbárie histórica estão presentes no projeto de futuro das jovens negras que moram nas periferias. Nesta dissertação, o enfoque recaiu no bairro do Capão Redondo e Jardim Ângela. Compreender o sentido de futuro para estas jovens possibilitou apreendermos quais são as mediações materiais produzidas por fatores econômicos (em suas contradições), além das mediações profissionais, políticas e culturais da periferia.

Foram interpretados três tipos de sentidos de futuro para essas jovens. O primeiro se deu na negação de que se preocupassem ou tivessem expectativas sobre o futuro. O segundo foi uma projeção de futuro ao lado de outra pessoa, em uma relação amorosa, a qual se organizava como um projeto de construção de moradia e reprodução da vida. O terceiro sentido é o do futuro como um projeto de vida próprio, tanto profissional, como cultural como político. Contudo algo que deve ser destacado, a região não comporta a maioria dos projetos destas jovens, o que acaba por culminar com a ideia da necessidade de um distanciamento do território, a migração aparece como estratégia.

Os três sentidos de futuro para essas jovens demonstram essas amarras e os seus esforços para superá-las. É a luta, desde sempre, em menor ou em maior grau, contra uma dominação histórica que Pedro Casaldáliga contextualiza:

Em nome de um deus, supostamente branco e colonizador, que as nações têm adorado como se fosse o Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, milhões de negros vem sendo submetidos, durante séculos, à escravidão, ao desespero e à morte, no Brasil, na América, na África-mãe, no mundo. Deportados como “peças” da ancestral Aruanda, encheram de mão-de-obra barata os canaviais e as minas, e encheram também as senzalas de indivíduos desaculturados, clandestinos, invisíveis. Encheram ainda de subgente – para os brancos senhores e as brancas senhoras – as cozinhas,

os cais, os bordeis, as favelas, as baixadas, os xadrezes. (Pedro Casaldáliga, 1988 citado por Galvão, 1997, p. 24).

As palavras de Pedro Casaldáliga, permitem a contextualização histórica das consequências do processo psicossocial de humilhação social (Gonçalves Filho, 2004). Ocorre uma relação entre subjetividade e história nas populações negras, como no caso da região do Capão Redondo e do Jardim Ângela. O primeiro sentido é a falta de perspectiva de futuro que parece ser uma resposta à este passado por meio da negação de qualquer futuro. No segundo e no terceiro sentido de futuro – o casamento e a realização individual – parece haver uma resistência à repetição do passado de humilhação e o enfrentamento das condições sociais e históricos cada uma a seu modo. O segundo sentido articula o afeto a sobrevivência e a construção de moradia. Enquanto que o terceiro sentido relaciona o projeto pessoal às condições políticas e sociais do bairro, por meio de projetos políticos, artísticos e acadêmicos.

Entretanto, reconhecemos que as condições sociais, não são estáticas nem impressas com carga imutáveis à humanidade dos negros, dos índios, das mulheres. Elas são na verdade, resultado de um processo histórico de dominação construída sobre os ombros, preferencialmente de desvalidos.

Investigar os sentidos de futuro para jovens negras da região do Capão Redondo e do Jardim Ângela, nos dedicando a cada história, ouvindo com atenção, como uma à uma, tem dado sentido e significado ao tempo presente e o vindouro, permitiu a compreensão de seus interesses individuais e sociais, porque assim como bem argumenta Marcuse (1997): “é no interesse do indivíduo que se exprime as suas necessidades e, a satisfação destas corresponde a esse interesse” (p. 189). Esta pesquisa nos fez entrar em contato com os interesses de jovens negras e como pretendem satisfazer tais interesses, quais são suas redes de apoio e empecilhos. Os sentidos de futuro, projetos que as jovens relataram estão intimamente ligado as suas relações pessoais e institucionais.

Experimentar o cotidiano e ouvir sobre o que essas jovens têm para contar sobre o que esperam do futuro em sua atmosfera histórico-social (Vygotsky & Luria, 1996) nos indica por quais caminhos de enfrentamento da vida vivida estas jovens

estão fincando seus passos, sua *busca por reconhecimento* (Hegel, apud Abrão, 1999). Nas palavras de Axel Honneth (2003), em sua *luta por reconhecimento*, em um Capão Redondo que é descrito na sua própria literatura como um lugar onde:

“[...] A pobreza aqui é passada de pai para filho, assim como a necessidade de se trabalhar dia e noite para comprar um pão, um saco de arroz, um saco de feijão. Mas é com amor e carinho que criamos nossos filhos, sem darmos conta do local, dos amigos incertos e coisas que injetam aqui, armas e drogas. Embriagados continuaremos assim, andando no chão frio com os pés descalços, um sorriso na boca ainda seca da corrida contra a lei [...].” (Ferréz, 2000, p. 17).

Ferréz (2000) refere-se a uma corrida contra a lei da periferia onde os grupos de extermínio atuam há mais de quarenta anos, onde a droga mata e enriquece, onde certos membros da polícia causam, às vezes, mais medo que segurança.

Entre o mistério de onde nos veio a vida que vivemos e a certeza da morte que nos espera, se edificam os objetivos e planos para sua realização. Portanto, planejar é uma ação humana de construção de uma espécie de vara para alcançar o fruto que a árvore caprichosamente, sem torná-lo totalmente impossível, protege na altura de sua copa. Planejar é formar uma trilha para algo que se deseja suspenso no futuro. Neste sentido, Sócrates, via os diálogos de Platão (1979) em Fédon, se posiciona: “Sim, é possível que exista uma espécie de trilha que nos conduz de modo reto, quando o raciocínio nos acompanha na busca⁹ (do objetivo). E é este então o pensamento que nos guia: durante todo o tempo em que tivermos o corpo” (65 e). Sócrates e Platão, como sabemos, são conhecidos como os filósofos da subjetividade, isto por postular, que a essência de cada objeto está no sentido e significado relegado a ele pela pessoa que o descobre. Logo o sentido da vida do filósofo é se preparar para o futuro inevitável com

⁹ Platão se refere ao objeto de desejo dos filósofos que é a virtude. Esta por sua vez traz a boa preparação para a morte. A ocupação maior do filósofo em preparar para morrer (Fédon 64 a)

a certeza da morte. Assim, as jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela planejam a construção da casa e das condições da reprodução da vida. Esse planejamento se articula também com a realização de projetos de resistência a dominação, quer culturais, quer políticos.

A vida no Capão Redondo e no Jardim Ângela, se dá sob a sombra de uma árvore enorme, cuja altura e a complexidade dos galhos tornam difícil à confecção da vara, ou da trilha para alcançar o fruto suspenso. Alcançar o objetivo é impossível de forma solitária, a ação de uma só vara não tem eficácia, o que faz do desejo de um, muitas vezes ser o desejo de outros tantos. Por isso, investigar os desejos das jovens negras das periferias tem a relevância de possibilitar compreender como o desejo para o futuro de um pode se tornar, ao mesmo tempo, de vários em uma luta comum para alcançá-lo. Algo ordinário entre os pobres que percebem que a sua realização ocorre por meio da superação coletiva da vulnerabilidade social.

Por fim, quer no planejamento de futuro para a reprodução da vida, quer na possibilidade de lutar por reconhecimento essas jovens negras mostraram o quanto é necessário elaborar o passado por meio de ações transformadoras ligadas à vida. Planejar a trilha, a busca do que ainda não se tem ou se perdeu, é condição intrínseca e ontológica de ser sujeito que marca na objetividade como meio de suprir antigas e novas necessidades. Dessa forma, viver na periferia pode ir além do simples esperar que a vida passe ao bel prazer dos desejos imediatos e da vontade da morte. Mas por meio da realização de um sonho que passa de individual para um sonho coletivo. Esta história que não acontece por meio de um ser sozinho, mas ao contrário, ganha historicidade e dimensões incalculáveis nas relações sociais, que se internalizam, entre homens e mulheres, crianças e jovens da periferia.

Canta-se no Capão Redondo: “*o dinheiro tira o homem da miséria, mas não pode arrancar de dentro dele a favela*” (Racionais Mc’s, 2002). Este trecho do rap intitulado “Nego Drama”, que apresenta uma letra longa de caráter narrativo e tom de revolta, num curioso lirismo, demonstra consciência da passagem do tempo e reflexão sobre a posição social do grupo que deixou a miséria sem deixar a periferia (Zibordi, 2004). Esta ideia da favela impossível de arrancar com a simples posse de dinheiro, nos permite pensar que o sofrimento vem de uma dor histórica e por isso profundamente

incrustado que escancara as portas para a naturalização do sofrimento relatada por algumas jovens entrevistadas. Por mais que “Tentem ver, não e veem nada”, ou melhor veem muito pouco. O rap contado nas ruas do Jardim Ângela e do Capão Redondo, na interpretação de Zibordi (2004) se refere a personagens indeterminados “– protagonista desse negro drama –, que tentam ver no horizonte algo como uma promessa de futuro, mas só veem um brilho pálido de estrela” (226).

Mesmo com todas as críticas que se pode dirigir à Hanna Arendt quando a questão são os negros, em seu livro, *Na vida do espírito* (2010), nos diz que o futuro é justamente a promessa. Para as jovens negras do Capão Redondo e do Jardim Ângela esta promessa ainda pode ser representada por uma estrela meio ofuscada. Todavia, ao relatarem suas histórias de vida e, em que ponto estão em seus planos de realização desta promessa dentro de uma hierarquia social. Esperamos que a psicologia social tenha podido colaborar para diminuir o embaçado nas lentes que impedem a estrela de ser apresentar ao desejo delas com o brilho forte, tal qual um farol que evita o naufrágio dos barcos.

Anexo 1

QUESTÕES – J. SACKS E LEVY (1950):

Abaixo figuram **66** sentenças incompletas. As instruções serão as seguintes:

Leia cada uma delas e procure completa-las com a primeira coisa que lhe vier à mente. Procure trabalhar o mais depressa possível. As respostas só têm utilidade quando correspondem a primeiras ideias que surjam da leitura incompleta dos itens.

- 1- Sinto que meu pai raras vezes _____
- 2- Quando as circunstancias são contra mim _____
- 3- Penso em Deus _____
- 4- Eu sempre desejei _____
- 5- Se eu fosse encarregado (a) _____
- 6- Para mim o futuro parece _____
- 7- Julgo que a religião _____
- 8- Sei que é tolice, mas tenho medo _____
- 9- Penso que uma verdadeira amiga _____
- 10- Quando eu era criança _____
- 11- Minha ideia sobre a mulher perfeita _____
- 12- Quando vejo um homem e uma mulher juntos _____
- 13- Comparada com a maioria das famílias que conheço, a minha é _____
- 14- No trabalho, eu me dou melhor _____
- 15- Mãe é _____
- 16- Eu faria de tudo para esquecer-me da vez que eu _____
- 17- Se pelo menos meu pai _____

- 18- Creio que tenho habilidade para _____
- 19- Poderia ser perfeitamente feliz se _____
- 20- Se alguém não trabalhar por mim _____
- 21- Olho para frente com _____
- 22- Na escola, meus professores _____
- 23- Minha vida espiritual _____
- 24- A maioria dos meus amigos não sabe que eu tenho medo de _____
- 25- Não gosto de pessoas que _____
- 26- Minha ideia sobre homem perfeito _____
- 27- Antes do meu ingresso na escola (no meu casamento) _____
- 28- Penso que a maioria das moças _____
- 29- Minha opinião sobre a vida de casada _____
- 30- Minha família me trata _____
- 31- Meus companheiros de trabalho são _____
- 32- Minha mãe e eu _____
- 33- Meu maior erro foi _____
- 34- Eu queria que meu pai _____
- 35- Minha maior fraqueza è _____
- 36- Penso que a maioria dos rapazes _____
- 37- Minha ambição secreta na vida _____
- 38- As pessoas que me ajudam _____
- 39- Algum dia, eu _____
- 40- Se eu pudesse, gostaria de perder o medo de _____
- 41- Quando vejo meu chefe (superior) chegando _____
- 42- As pessoas das quais eu mais gosto _____

- 43- Se eu fosse mais jovem, outra vez _____
- 44- Creio que a maioria das mulheres _____
- 45- Se eu tivesse relações amorosas _____
- 46- A maioria das famílias que conheço _____
- 47- Gosto de trabalhar com pessoas _____
- 48- Penso que a maioria das mães _____
- 49- Penso que meu pai _____
- 50- Quando a sorte se volta contra mim _____
- 51- Quando eu era mais jovem, sentia-me culpado por causa _____
- 52- O que eu mais desejo na vida _____
- 53- Dando ordens aos outros, eu _____
- 54- Quando for mais velha _____
- 55- Pessoas que considero superiores a mim _____
- 56- Creio que a maioria dos homens _____
- 57- Meus receios, algumas vezes, me obrigam a _____
- 58- Minha vida sexual _____
- 59- Minha lembrança mais viva do tempo de infância _____
- 60- O que menos gosto nas mulheres _____
- 61- Quando eu era criança, minha família _____.
- 62- As pessoas que trabalham comigo _____
- 63- Gosto de minha mãe, mas _____
- 64- A pior ação que cometi _____
- 65- O que mais desagrada nos homens _____
- 66- Sem Deus, o mundo _____

Referências Bibliográficas

- Abrão, B. S. (1999). *História da Filosofia*. (Revisão: Mirtes Uega Coscodai). Ed. Nova Cultura Ltda, São Paulo.
- Adorno T. W. (1995). *Notas marginais sobre teoria e práxis*. In: Palavras e sinais: modelos críticos 2, p. 202-229. Vozes, Petrópolis.
- _____. (2006). *Educação e emancipação* (p. 169-185). In: Educação e emancipação. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Agostinho.(2008). *Confissões*, Livros VII, X e XI. Tradução: Arnaldo do Espírito Santo; João Beato; Maria Cristina; Castro-Maia de Sousa Pimentel.Universidade da Beira Interior Covilhã.
- Arendt, H. (2010). *A vida do Espírito: O pensar, O querer, O Julgar*. (Tradução: Almeida, A. C. R.). Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- Barros Filho, C.; Lopes, F. & Issler, B. (2005). *Comunicação do eu: ética e solidão*. Vozes. Petrópolis Rio de Janeiro.
- Barbier, R. (1985). *A pesquisa – ação na instituição educativa*. Zahar, Rio de Janeiro.
- Batista Jr., J. (2012). *Uma morte a cada seis dias*. In: Revista Veja São Paulo (Edição de 22 de Agosto). Matéria de capa; Parque Santo Antonio: A vida no bairro campeão de mortes. Ano 45 – nº 34.
- Batista, L. E.; Escuder, M. M. L. & Pereira, J. C. R. (2004). *A cor da morte: causas de óbito segundo características de raça no Estado de São Paulo, 1999 a 2001*. In: Revista de Saúde Pública/ Rev. Saúde Pública vol.38 no.5 São Paulo. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102004000500003>>. Print version ISSN 0034- 8910
- Becker, H. S. (1999). *Falando de Sociedade. Ensaio sobre as diferentes maneiras de apresentar o social*. Zahar, Rio de Janeiro.

Benjamin, W. (1994). *Magia e Ética, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.

_____. (2000). *Viagem Através da Inflação Alemã*. In: Walter Benjamin: Obras Escolhidas volume II. Rua de Mão Única. (Tradução: Torres Filho, R. R. e Barbosa, J. C.). Brasiliense, São Paulo.

Bento, M. A. S. (2002). *Branqueamento e branquitude no Brasil*. in: Carone, I. e Bento, M. A. S. (Orgas.). *Psicologia Social do Racismo*. Petropolis, vozes, p. 25-27.

Bock (1997) Bock, M. B. (1997). *Formação do psicólogo: um debate a partir do significado do fenômeno psicológico*. *Psicol. cienc. prof.* vol.17 no.2 Brasília.

Bosi, E. (2008). *Memória e sociedade: ciência poética e referência de humanismo*. *Psicol. USP* vol.19 no.1 São Paulo Jan./Mar.

Cardia, N. & Schiffer, S. *Violência e Desigualdade Social*. *Cienc. Cult.* [online]. v.54, n.1, p. 25-31, 2002. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0000-67252002000100018&lng=en&nrm=iso..issn 0009-6725>. Acesso em 25 de Jun. 2013.

Carril, L. (2006). *Quilombo, Favela e Periferia: A Busca Longa da Cidadania*. Annablume; Fapesp, São Paulo.

Casaldáliga, P. *Missa dos Quilombos*. (1981). In: *A Crise da Ética: O Neoliberalismo com causa de exclusão social*. 3ª ed. Por Galvão, A. M. (1997). Petropolis, Vozes.

Daniels, H. (1996). *An introduction to Vygotsky*. Routledge. London.

Dayrell, J.T. e Gomes, N. L. (2010). *A Juventude no Brasil*. Disponível em <www.fae.ufmg.br/objuventude/texto/SES/> Acesso em 20 de nov. 2013.

- Delamont, S. (2005). *Ethnography and Participant Observation*. In: Seale, C.; Gobo, G.; Gubrium; J.F & Silverman, D. *Qualitative Research Practice*. Reprint, U.K., Sage.
- Esteves, L. C. G. & Abramovay, M. (2008). *Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. In: VI Congresso Português de Sociologia - Mundos Sociais: saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa – Portugal nº de série 254.
- Ferréz. (2000). *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto.
- Ferreira, J. M. & Nogueira, E. E. S. (2013). *Mulheres e Suas Histórias: Razão, Sensibilidade e Subjetividade no Empreendedorismo Feminino*. RAC, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, art. 1, pp. 398-417, Jul./Ago.
- Freitas, M.T. A. (2002 a). *A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. Em *Cadernos de Pesquisa*, n.16,p.21-39.
- Freitas, M. F. Q. (2007 b). *Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária – práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90, no Brasil*. Em *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes.
- Galeão-Silva, L. G. (2007). *Adesão ao Fascismo e Preconceito Contra Negros: Um Estudo Com Universitários na Cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. São Paulo
- Garcia, Jahr. (2002). *Apresentação*. In: *Pensamento e Linguagem Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934)*. Edição Ridendo Castigat Mores Versão para eBook.
- Gohn, M. G. (2009). *Novas teorias dos Movimentos Sociais*. 2ª edição. Editora Loyola, São Paulo.
- Gomes, N. (2012). *Relações Étnico-Raciais, Educação E Escolonização Dos Currículos*. In: *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr.
- Gonçalves Filho, J. L. (2004). *A Invisibilidade Publica - Prefacio de Homens Invisíveis*. In: Costa, F. B. *Homens invisíveis – relatos de uma humilhação social*

_____.(2004). *Subjetividade, Humilhação Social e Sofrimento*. in: Silva, M. V. O. (org.). *Psicologia e Direitos Humanos - Subjetividade e Exclusão*. São Paulo, Conselho Federal de Psicologia, Casa do Psicólogo, 2004, p. 123-135.

González Rey, F. L. (1999). *La Investigación Cualitativa em Psicología. Rumbos y Desafíos*. São Paulo: Educ.

_____. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. Tradução de Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Thomson Pioneira.

_____. (2004). *A visao social na psicologia: várias abordagens*. In: *O social na Psicologia e a Psicologia Social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes.

_____.(2005). *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação* (M. A. Silva, Trad.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning. (Obra original publicada em 2005)

Guimarães, A. S. A. (2005). *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. 2ª Ed. FUSP. Editora 34, São Paulo.

Hegel, G. W. F. 1770-1831. (2001). *Cursos de Ética, volume III*. Tradução Marcos A. Werle, Oliver tolle. 2ª ed. rev. - São Paulo

Honneth, A. (2003). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. (2007). *Sofrimento de Indeterminação: uma reatualização da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Editora Singular, Esfera Pública, 2007.

_____. (2009). *Reconocimiento y menosprecio Sobre la fundamentación normativa de una teoría social*. Centro de Cultura Contemporánea de Barcelona Montalegre, 5.

- Holanda, A. (2008). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. in: *Análise Psicológica*, 3 (XXIV):363-372. Disponível em <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a10.pdf>> Acesso em 02 de julho de 2013.
- Islas, J. A. P. (2009). *Juventude um Conceito em Disputa*. In: *Juventude e Contemporaneidade Desafios e Perspectivas*, pp. 17- 46. Org. Maria Tereza C. Guimarães e Sônia M. Gomes Sousa. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Goiânia: Editora UFG: Cánone Editorial.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. (2012). *Pesquisa em 96 distritos metropolitanos de São Paulo*. Ano de amostra 2010.
- _____. (2012). *Censo 2010: Uniões consensuais já representam mais de 1/3 dos casamentos e são mais frequentes nas classes de menor rendimento* <http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=3&idnoticia=2240&busca=1&t=censo-2010-unioes-consensuais-ja-representam-mais-13-casamentos-sao-mais-frequentes>
- Lane, S. T. M. (1984). *Consciência/alienação: a ideologia no nível individual*. Em *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (2007). *Histórico e Fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil*. Em Campos, R. H. de F. (org.). *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Leccardi, C. (2006). *Por um novo significado do futuro*. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2. (pp. 35-57). Tradução de Norberto Luiz Guarinello. São Paulo - SP.
- León, O. D. (2009). *Uma Revisão das Categorias de Adolescência e Juventude*. In: *Juventude e Contemporaneidade Desafios e Perspectivas*, pp. 47- 77. Org. Maria Tereza C. Guimarães e Sônia M. Gomes Sousa. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Goiânia: Editora UFG: Cánone Editorial.
- Lukács, G. (1974). *História e Consciência de Classe: estudos de dialética marxista*.

Lisboa: Escorpião.

- Macedo, M. (2007). *Relações de Gênero no Contexto Urbano: Um Olhar Sobre as Mulheres*. pp. 56-79. In: *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs*. Recife: GT Gênero - Plataforma de Contrapartes Nov./ SOS CORPO Gênero e Cidadania.
- Maldonato, M. (2012). *Passagens do Tempo*. Tradução: Roberta Barni. São Paulo, Edições SESC SP.
- Mandelbaum, B. (2004). *Focando a família Em O desemprego em situação: esboços de estruturação de uma clínica social*. Tese de Doutorado. São Paulo.
- Marcuse, H. (1997). *Sobre o caráter afirmativo da cultura*. In: *Cultura e Sociedade - Vol. 1*. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra.
- Martins, J. S. (1989). *Caminhada no chão da noite*. São Paulo: Hucitec.
- Martins, J. & Bicudo, M.A.V. (1989) *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes/ EDUC.
- Matos, L. O. D. (2006). *Ação Afirmativa: Superando Desigualdades Raciais no Brasil. África, Afrodescendentes e educação/ Organizadores: Silva. M. & Gomes, U. J. – Goiânia: Ed. Da UCG*.
- Matos, O. (2008). *Adivinhas do Tempo: Êxtase e Revolução*. São Paulo: Hucitec.
- Marx, K. (1965). *A ideologia alemã*. Tradução de Waltensir Dutra e Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, M. S. (1999). *Feridas Invisíveis: Abuso Não - Físico contra mulheres*. São Paulo: Summus.

- Minayo, M. C de S. (1994). *O desafio do conhecimento; pesquisa qualitativa em educação*. 3ª ed. São Paulo.
- _____. (2010). *O desafio do conhecimento; pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. Hucitec, São Paulo.
- Mitchell, G. (2009). *Identidade coletiva negra e escolha eleitoral no Brasil*. in; Opinião Pública, Campinas, vol. 15, nº 2, Novembro, 2009, p.273-305 Gladys Mitchell (2009),
- Morato, R. G.; Shinji Kawakubo, F. & Luchiari, A. (2011). *Geografia da desigualdade ambiental na Subprefeitura de Campo Limpo Município de São Paulo/SP*. In: Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Goiânia, Brasil, 16-21.
- Ovídio, P. (1983). *As metamorfoses*, p. 113-118. Tradução de David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint (Ediouro).
- Platão. (1979). *Diálogos*. Coleção Os Pensadores, 2ª Edição, Editora Abril Cultural, São Paulo.
- Programa de Desenvolvimento de Área: Sampa Sul – PDA. *Relatório de Diagnóstico do Capão Redondo - São Paulo*. Elaborado em Setembro de 2007. Revisado em Janeiro de 2008.
- Queiroz, D. T. et al. (2007). *Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde*. Rev. Enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283.
- Racionais MC's (2002). *Vida Loka Parte I*. In: Álbum Nada Como o dia após o outro dia. Gravadora Casa Nostra.
- Ribeiro, J. P. (1999). *Humanismo Existencialista*. São Paulo: Summus.

- Rizzini, I.; Caldeira, P.; Caldeira, A.; Barros, D. (2009). *Percepção dos Jovens sobre as influências dos adultos*. In: Juventude e Contemporaneidade Desafios e Perspectivas, pp. 101- 119. Org. Maria Tereza C. Guimarães e Sônia M. Gomes Sousa. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Goiânia: Editora UFG: Cánone Editorial.
- Sacks, J.M. & Levy, S. (1950). *The Sentence Completion Test*. In L. E. Abt & L. Bellak (Eds.), *Projective psychology* (pp. 357–402). New York: Knopf. Stein, M. I. (1947).
- Sato, L.; & Souza, M. P. R. (2001). *Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia*. *Psicologia USP*, 12 (2), 2001,(p.29-47).
- Sawaia, B. B. (2009). *Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social*. in: *Psicologia & Sociedade*. vol.21 no.3 Florianópolis Sept./Dec.
- Schuman, L. V. (2010). *Racismo e Anti-Racismo: a Categoria raça em questão*. In: *Revista de Psicologia Política*, volume 10, nº 19, p. 41-55.
- Silva, J. C. G. (2012). *Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia*. Texto apresentado no colóquio Culturas Jovens Afro - Brasil Américas: Encontros e Desencontros, realizado entre 10 e 13 de Abril de 2012. Evento organizado pela Faculdade de Educação da USP.
- Spink, P. K. (2003). *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista*. In: *Psicologia & Sociedade*. On-line version ISSN 1807-0310, *Psicol. Soc.* vol.15 no.2 Porto Alegre July/Dec.
- Vygotsky, L.S. & Luria, A.R. (1996). *Estudos sobre a história do comportamento: símios, homem primitivo e criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. 252 p.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores*. Org. Michel Cole, et al. Trad. José Cippola Neto et al. 6a ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1999). *Psicologia da Arte*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2001). *A construção do Pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (2002). *Pensamento e Linguagem Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934)*. Edição Ridendo Castigat Mores Versão para eBook.

_____. (2004). *O significado histórico da crise da psicologia: uma investigação metodológica*. In: *Teoria e Método em Psicologia*, trad. Cláudia Berliner, S.P.: Martins Fontes.

_____. (2004). *Teoria e Método em Psicologia*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes.

Zappe, J. G. e Garcia Dias, A. (2011). *Grades não prendem pensamentos: Limites da institucionalização na reconstrução do projeto de vida do adolescente*. In: *Revista Psico*. Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 2, pp. 220-227, abr./jun.

Zibordi, B. (2004). *O Negro Drama do Rap: Entre a Lei do Cão e a Lei da Selva*. In: *Estudos Avançados*. av. vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr.